



Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo

A presença árabe na arquitetura Paulistana do século XX:

Estudo a partir de exemplares tombados em São Paulo

Samia Mazloun

Orientadora: Profa. Dra. Cristina de Campos

São Paulo

2023



Programa de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo

A presença árabe na arquitetura Paulistana do século XX:

Estudo a partir de exemplares tombados em São Paulo

Samia Mazloun

Orientadora: Profa. Dra. Cristina de Campos

São Paulo

2023

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente a Deus e aos meus pais, que são base essencial em todos os aspectos da minha vida.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Cristina de Campos, que me ajudou imensamente na execução da pesquisa e me incentivou a terminá-la, mesmo nos momentos em que pensei em desistir.

Agradeço aos professores Fernando Guillermo Vázquez, Andréa Tourinho e Ana Paula Farah, que fizeram provocações e questionamentos sobre o tema, dando um novo rumo à presente pesquisa.

Agradeço à Virginia Markelene Lopes de Araújo e toda a equipe da Biblioteca Mário de Andrade, que dispuseram horas de seu trabalho para me auxiliar na busca de referências para complementar a dissertação.

Agradeço aos meus avós, que foram a inspiração inicial para o tema dessa dissertação.

“Mohamad Hussein se viu sem escolhas, vendeu tudo o que tinha e partiu com as roupas do corpo e a promessa de que voltaria para buscar sua esposa Khadija e a filha Fatima. E assim mudou a história da família Mazloun.”



Resumo

A presença árabe na arquitetura paulistana representa a reafirmação de uma cultura milenar em ascensão no ocidente desde o século XIX. São Paulo cresceu sob a influência de diversas culturas, se tornando uma cidade eclética que exala uma multiplicidade arquitetônica.

A capital foi a maior receptora de imigrantes por volta de 1880, podemos identificar a cultura árabe como responsável pelo surgimento e crescimento de muitos bairros em São Paulo, sendo estes compostos por edificações características do Oriente, exaltando muxarabis, arcos e colunas, revestimento em pedras, azulejos esmaltados e detalhes únicos.

O objetivo desta dissertação é apontar a presença árabe na arquitetura de São Paulo com a presença de elementos construtivos inseridos no ambiente urbano em construções de valor patrimonial e cultural para a cidade. Para isso foi feito um estudo e análise, a partir de exemplares tombados por órgãos municipal e estadual de patrimônio, com a realização de um inventário temático dos exemplares existentes, para identificar como os elementos da arquitetura árabes ainda estão presentes. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e iconográfica para entender a presença da arquitetura árabe na cidade de São Paulo em edifícios tombados, sendo que a primeira, a pesquisa bibliográfica, recai na presença de imigrantes árabes em São Paulo e em sua contribuição para a urbanização da cidade. Para o inventário foi adotado um recorte temporal dos anos 1910 a 1930, auge da ascensão imigrante e do ecletismo na cidade de São Paulo. O reconhecimento da existência de tal presença é imprescindível para entender a história da cidade e da cultura, além dos valores patrimoniais paulistanos.

Palavras-chave: Arquitetura mourisca; patrimônio; sírios e libaneses.

Abstract

The Arab presence in São Paulo's architecture represents the reaffirmation of an ancient culture on the rise in the West since the 19th century. São Paulo grew under the influence of different cultures, becoming an eclectic city that exudes an architectural multiplicity and we can identify the Arab culture as responsible for the emergence and growth of important neighborhoods, since the capital was the largest recipient of immigrants with this origin for around 1880. These neighborhoods are made up of buildings characteristic of the East, exalting muxarabis, arches and columns, stone cladding, enameled tiles, and unique details. The objective of this dissertation is to point out the Arab presence in the architecture of São Paulo through the constructive elements inserted in the urban environment in constructions that have patrimonial and cultural value for the city. To this end, a study and analysis is carried out based on examples listed by municipal and state heritage agencies, with the completion of a thematic inventory of existing examples, to identify how the elements of Arab architecture are still present. The methodology used was bibliographic and iconographic research to understand the presence of Arab architecture in the city of São Paulo in listed buildings. The bibliographic research focuses on the presence of Arab immigrants in São Paulo and their contribution to the urbanization of the city. For the inventory, a time frame was adopted from the years 1910 to 1930, the height of the immigrant rise and eclecticism in the city of São Paulo. Recognition of the existence of such a presence is essential to understand the history of the city and the aforementioned culture, in addition to the heritage values of São Paulo.

Keywords: Moorish architecture; patrimony; Syrians and Lebanese.

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1 - Imigrantes árabes em São Paulo	9
Espaços de religiosidade e sociabilidade	14
As famílias Árabes em São Paulo	16
Família Rizkallah Jorge	17
Família Jafet.....	20
Família Andraus.....	24
Capítulo 2 - Arquitetura Árabe: uma retrospectiva Arquitetura Árabe na península Ibérica.....	27
Mesquita de Córdoba.....	31
Palácio de Alhambra.....	32
Cidade Medina Al Zahara	33
A Reconquista Cristã	37
Ecletismo na Europa, século XIX	38
Ecletismo em São Paulo	39
Capítulo 3 - Memória árabe em São Paulo: por um inventário temático	42
Conclusão	57
Glossário.....	59
Bibliografia	63

Introdução

A presença árabe na arquitetura paulistana representa a reafirmação de uma cultura milenar em ascensão no ocidente desde o século XIX. São Paulo cresceu sob a influência de diversas culturas, se tornando uma cidade eclética que exala uma multiplicidade arquitetônica. Podemos identificar a cultura árabe como responsável pelo surgimento e crescimento de importantes bairros, já que a capital foi a maior receptora destes imigrantes por volta de 1880, sendo estes compostos por edificações características do Oriente, exaltando muxarabis, arcos e colunas, revestimento em pedras, azulejos esmaltados e detalhes únicos.

Pesquisas acadêmicas foram relevantes e trouxeram importantes contribuições para entender o valor da contribuição da cultura árabe para a arquitetura paulistana, tais como os trabalhos de Cristofi (2016), e Prado (2017). Soma-se a esses as pesquisas conduzidas por Truzzi, que tem dado uma grande contribuição aos estudos sobre a comunidade árabe em São Paulo (2007). Para conduzir as reflexões sobre o ecletismo em São Paulo, as obras de Lemos (1987) e Atique (2015) foram fundamentais para entender o contexto em que os elementos árabes são incorporados pela arquitetura paulistana.

Nota-se, portanto, um diálogo desses imigrantes para estabelecer uma ponte com suas origens e como forma concreta de representatividade, seja cultural ou religiosa, construindo uma arquitetura que faz referência aos seus traços identitários, formando e transformando São Paulo como a conhecemos hoje. Por esse motivo é importante identificar os elementos que formam essa nova arquitetura, reconhecendo e desenvolvendo uma análise dos bens tombados e dos ornamentos que os compõem, tornando-os patrimônio e permitindo o entendimento da história da cidade e da cultura. O reconhecimento da existência da arquitetura árabe é imprescindível para entender tais aspectos, além dos valores patrimoniais paulistanos. À medida em que os imigrantes árabes se instalaram e cresceram financeiramente, começaram a investir em terrenos e imóveis, aplicando elementos da arquitetura do oriente médio que seriam uma forma de garantir comodidade em um país distante, em diversos aspectos. Além disso, existia um sentimento de fazer-se presente diante a cultura aqui existente, já que se trata de essências praticamente opostas.

Antes de adentrar na proposta da dissertação, é preciso definir o que se entende por arquitetura árabe, ou islâmica ou ainda arquitetura orientalista. Essa é caracterizada por construções que manifestam elementos simbólicos da religião islâmica, como geometrias, padrões arabescos e escrituras na língua árabe que possuem significados específicos para a crença islâmica (HAYEK,

2004). Na presente pesquisa, esses mesmos elementos são apresentados nas construções brasileiras sendo ressignificados e adaptados nos materiais, técnicas e até cultura ocidental.

Assim, o objetivo desta dissertação é apontar a presença árabe na arquitetura de São Paulo através dos elementos construtivos inseridos no ambiente urbano em construções que possuem certo valor patrimonial e cultural para a cidade, além da representação da ascensão das famílias imigrantes. Para tanto, é feito o estudo e análise a partir de exemplares tombados através do Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) e Condephaat (Conselho de defesa do patrimônio histórico), buscando os elementos construtivos e ornamentos para entender o significado simbólico relacionado com a religião e a ressignificação destes em outro cenário, culminando no entendimento da manifestação da arquitetura árabe como expressão da cultura e da comunidade dos imigrantes árabes em São Paulo. A partir dos exemplares tombados, foi realizada uma proposta de um pré-inventário temático dos exemplares existentes e, assim, identificar como os elementos da arquitetura árabes ainda estão presentes.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e iconográfica para entender a presença da arquitetura árabe. A pesquisa bibliográfica recai na presença de imigrantes árabes em São Paulo e sua contribuição para a urbanização da cidade, com foco na produção arquitetônica encomendada por esses grupos que fizeram amplo uso de referências ao seu universo cultural, resgatando elementos religiosos e culturais. Já a pesquisa iconográfica reúne imagens desses edifícios tombados com detalhes nos elementos arabizantes, formando fichas catalográficas em um pré-inventário temático.

As construções escolhidas para a concepção de tal pré-inventário tiveram suas construções dentre os anos de 1910 e 1930, auge da onda imigratória na cidade de São Paulo, sendo projetadas por encomenda desses imigrantes árabes ou influenciadas pelo ecletismo, exibindo elementos da arquitetura árabe adaptados aos materiais e técnicas do Brasil. Cada ficha conta com informações como: arquiteto da obra, ano de construção, uso original e atual das construções, ano e órgão de tombamento e destaque para os elementos que os caracterizam como arabizantes.

O primeiro capítulo será dedicado às famílias de imigrantes que vieram para São Paulo, no final do século XIX, em busca de novas oportunidades. Primeiramente deve-se fazer uma breve análise da situação econômica e urbanística do estado antes da imigração, o que levou à necessidade da mão de obra imigrante. Direcionando, assim, o texto para o papel do imigrante no crescimento da cidade. É evidente que houve a presença de outras culturas imigrantes,

porém a presença árabe ganhou visibilidade através de trabalhos como os de Renata Geraissati (2016) que analisam as contribuições de Rizkalla Jorge para a urbanização paulistana.

O segundo capítulo retorna ao século VIII (711 até 1492) para explicar como a presença árabe estava de certa forma presente no Brasil através da dominação na Península Ibérica após a criação de Andaluzia. A ocupação portuguesa trouxe consigo muitos dos elementos arquitetônicos e técnicas construtivas existentes em Portugal, em decorrência dos séculos em que os árabes estiveram presentes na Península Ibérica. Há uma breve explicação dos motivos dessa dominação e, em seguida, se discorrerá sobre a arquitetura de icônicos edifícios como o Palácio de Al-Hambra, Igreja matriz de Mértola, Mesquita de Córdoba etc. Por último, uma breve análise do legado cultural deixado na Europa (língua, música, arte).

O terceiro e último capítulo explora a influência árabe presente na cidade, apresentando o fichamento e a formulação de um pré-inventário temático de edifícios tombados pelos órgãos municipais, estaduais e federais, listando os elementos que remetem à arquitetura do Oriente Médio, tornando-os únicos em um emaranhado de multiplicidades culturais presentes em São Paulo.

É importante ressaltar a importância do presente estudo ao trazer luz à contribuição da comunidade árabe para a arquitetura e o urbanismo paulistano, promovendo o entendimento da história da cidade São Paulo assim como da cultura árabe, que se fez presente através de elementos que possuem valores patrimoniais.

Capítulo 1 - Imigrantes árabes em São Paulo

Uma vida repleta de incertezas, inseguranças, trabalhos nada promissores e instabilidade política e econômica. Assim viviam os sírios e libaneses em seus países de origem no final do século XIX. A melhor solução seria imigrar para as Américas, continente das novas oportunidades de vida (TRUZZI, 2001).

Entre os anos de 1870 e 1930 nota-se um período de crescimento econômico e urbano na cidade de São Paulo, destacando com principais fatores a vinda de imigrantes, principalmente europeus e orientais, o crescimento das redes ferroviárias e de comunicação, o enriquecimento da classe burguesa paulista, a abolição da escravidão e a expansão das fazendas de plantio de café, principal fonte lucrativa da época. Ou seja, o café, os imigrantes e a ferrovia foram fundamentais no processo de urbanização e industrialização da cidade (MOTA, 2007).

Houve um grande incentivo à imigração, em meados dos anos 1886, com a fundação da Sociedade Promotora de Imigração, que agenciava estrangeiros e facilitava seu transporte ao Brasil. Ingleses, italianos, franceses, árabes e chineses, esses dentre outros estrangeiros atraídos pela cultura do café, os quais foram os protagonistas das grandes mudanças urbanísticas da cidade de São Paulo no final do século XIX. Vale ressaltar que o imigrante, diferentemente do trabalhador escravo, era remunerado em seu trabalho, permitindo que este pudesse usufruir da economia e dos elementos da cidade como consumidor (MOTA, 2007).

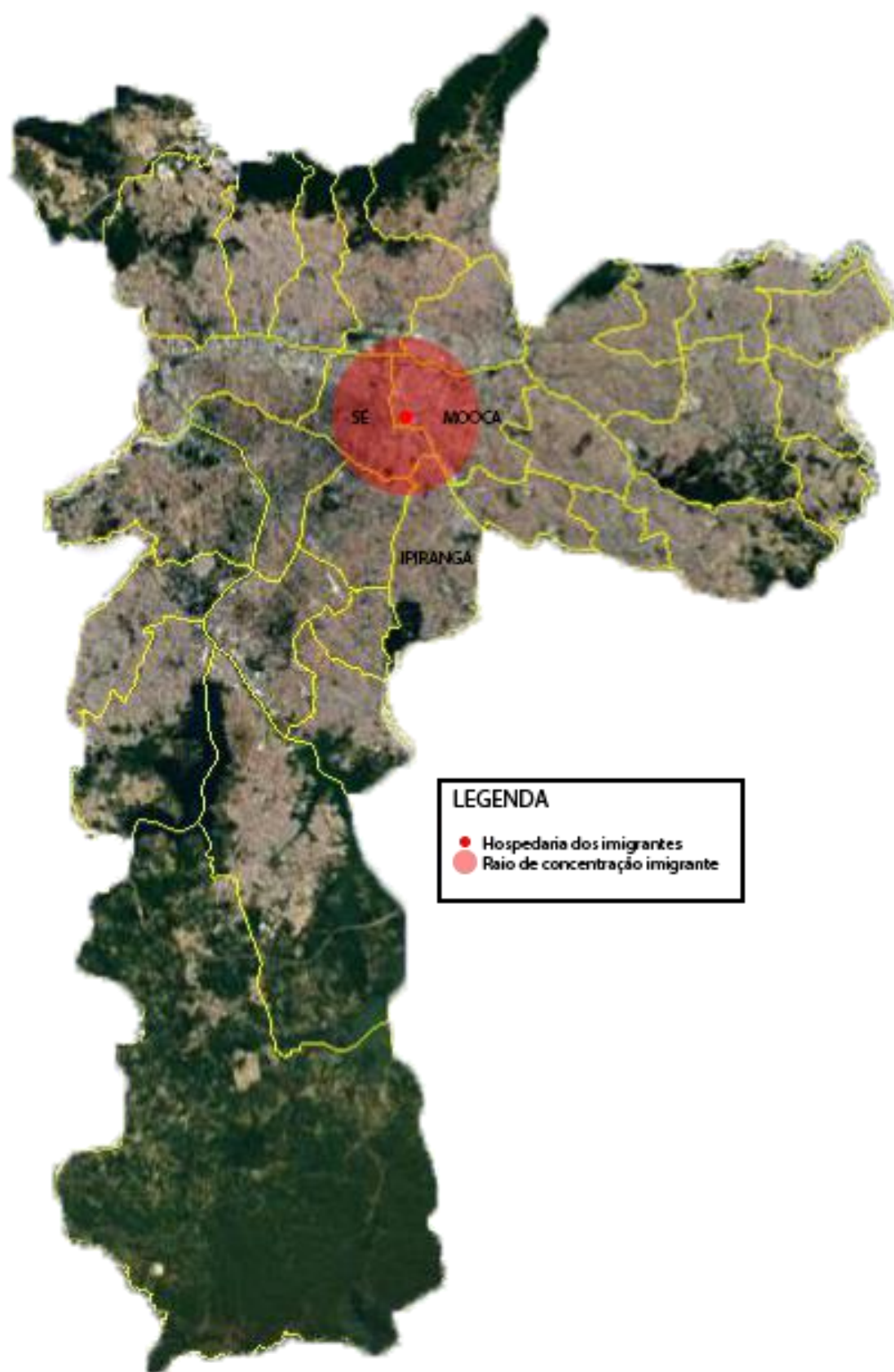
O colono estava livre para mudar-se para onde quisesse, uma vez cumpridas duas obrigações, pois não possuía terras. Caso ficasse descontente com a vida de fazenda ou tivesse provindo de área urbana na Europa, bem poderia estar inclinado a mudar-se para as cidades. E à medida que aumentava a disparidade entre as oportunidades rurais e as urbanas, cada vez mais pronunciada se tornava esta tendência. (LAÉRNE apud MORSE, 1885 p. 239)

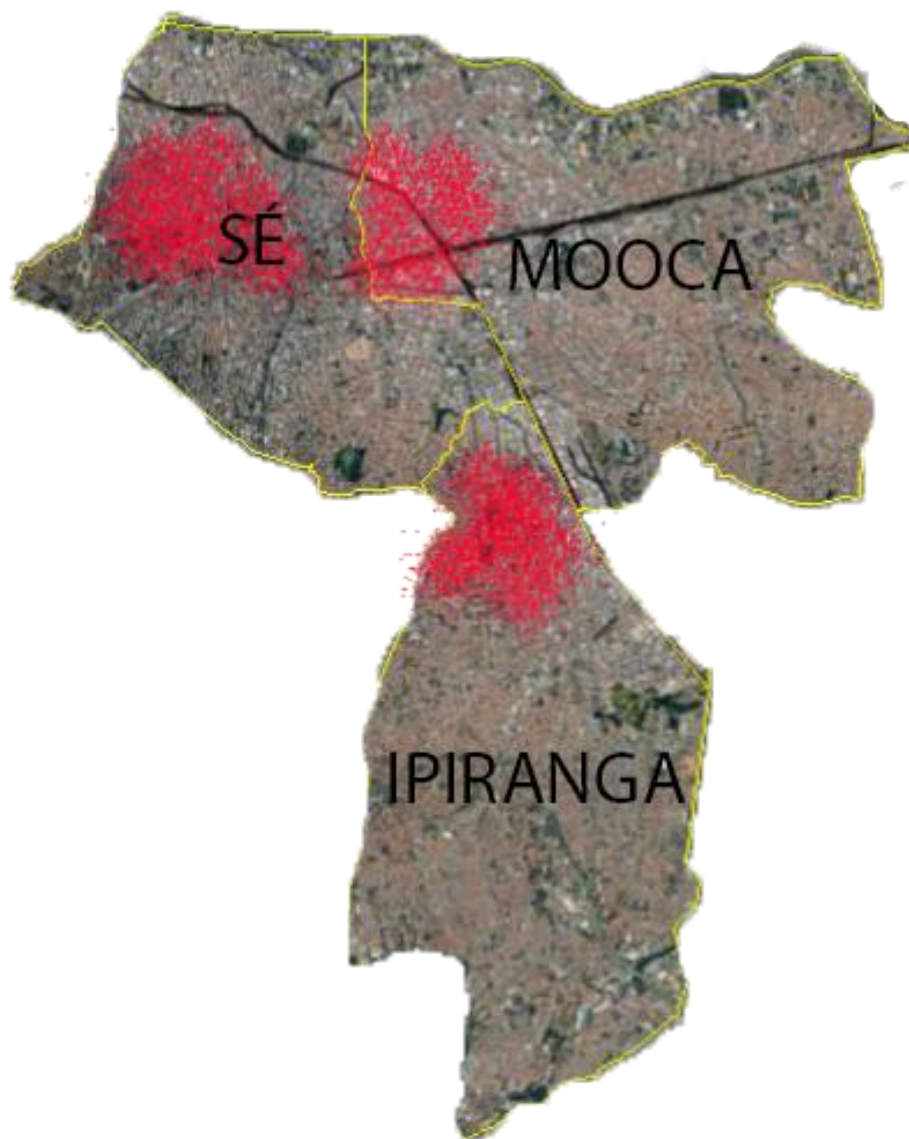
Essa onda imigratória e o crescimento do consumo e da exigência de maior variedade de produtos permite um crescimento no setor fabril de São Paulo, sendo necessária a utilização da própria mão de obra estrangeira, principalmente na indústria de tecelagem e fiação.

O objetivo era que essa imigração fosse temporária, ou seja, o objetivo era juntar dinheiro rapidamente e retornar às suas famílias, portanto, o trabalho mais comum e eficaz para esses que vinham de tão longe era o de mascate.

Outro exemplar deste crescimento central, dentre os anos de 1886 a 1890, é o bairro do Brás, que foi considerado o centro comercial, industrial e cultural da Zona Leste de São Paulo, desde seu crescimento efetivo, a população do bairro praticamente triplicou por advento da vinda dos imigrantes, em sua maioria italianos. A atração pelo Brás se deu pela grande quantidade de indústrias e, conseqüentemente, oportunidades de emprego, bem como pela presença da Hospedaria dos Imigrantes, um dos principais pontos de chegada e acolhimento dos estrangeiros, sendo considerado o bairro dos operários e das indústrias, dos imigrantes e das classes menos abastadas e, além disso, foi construído sobre uma multiplicidade cultural e de iniciativa estrangeira.

Os estrangeiros desciam dos navios no porto de Santos e a seguir eram embarcados nos trens que vinham para São Paulo. Aí eram alojados na Hospedaria dos Imigrantes. O edifício foi projetado para abrigar até 1.600 pessoas por vez, que deveriam ficar ali hospedadas por uma semana. Nesse tempo seria definido o destino que deveriam tomar entre as diversas fazendas de café do interior. (MOTA, 2007, p. 132)





Figuras 13 e 14: Concentração imigrante em São Paulo. Elaboração própria a partir do Google Earth.
Autora: Samia Mazloum

De modo geral, até mesmo um novo estilo de vida foi apresentado pelos imigrantes no Brasil. Os britânicos, por exemplo, fizeram do centro da cidade o principal local de moradia da burguesia, enriquecendo o estilo das casas e incrementando a arquitetura com elementos como o vidro e o ferro, dando um aspecto industrial às construções. Esses e outros elementos desenvolvidos nas indústrias permitiram uma maior diversidade construtiva e combinações de

estilos, o que culminou no ecletismo arquitetônico. A cidade de taipa foi reconstruída com tijolos e ferro, graças à contribuição da mão de obra e das técnicas imigrantes.

O Brasil foi o país menos burocrático para receber Imigrantes, visto que o governo local possuía uma política de recebimento de trabalhadores estrangeiros, e a cidade de São Paulo foi a que abrigou o maior número deles, no início do século XIX, principalmente de Sírios e Libaneses que vinham fazer a vida na “*Amirka*¹”. Em sua maioria eram homens, solteiros, analfabetos que começavam a nova vida como mascate (TRUZZI, 2001).

Chegou a tomar-se uma mania (...). Um analfabeto vai para a América e no curso de seis meses manda um cheque de \$300 ou \$400 dólares, mais do que o salário de um professor ou de um pastor em mais de dois anos (...). Quase tudo é usado para pagar velhas dívidas, hipotecas, e para levar outros imigrantes além-mar. Dos relatos dos imigrantes só se ouvem louvores irrestritos à América. (KNOWLTON, apud TRUZZI, 2001, p.112)

O emprego como mascate era intencionado como algo temporário, sendo o objetivo a abertura de lojas de tecidos e armazéns a posteriori. Isso permitiria que os familiares de tais imigrantes também viessem se fixar no Brasil criando o chamado *chain immigration*. Após esse período, ficou claro que o fator da imigração não seria algo temporário, mas sim definitivo, fazendo crescer o número de clubes, instituições e sociedades de lazer pelas colônias em crescimento, num âmbito de valorização e acolhimento da cultura e costumes.

A mascateação entrou em um prolongado declínio. Mais mulheres migraram, aspirações de longo prazo substituíram metas temporárias, e a maleta do mascate itinerante, símbolo de seus laços com a terra natal, cedeu lugar à loja de varejo, o símbolo da confiança na nova terra. (NAFF, apud TRUZZI, 2001, p.116)

Na década de 1910, sírios e libaneses dominam o comércio de tecidos na Rua 25 de Março, porém foi nas décadas de 1930 e 1940 que realmente consolidaram os negócios, progredindo no setor industrial e contribuindo significativamente para o crescimento econômico da cidade de São Paulo.

¹ Forma que os árabes se referiam ao continente americano.

Espaços de religiosidade e sociabilidade

A religião faz parte da estruturação de uma cultura e de um povo, e para os imigrantes árabes foi de extrema importância para garantir a preservação de sua identidade. Era mais uma forma de manter as raízes dentro da sociedade brasileira e de união entre os membros da comunidade árabe. Dentre os imigrantes identifica-se cristãos e muçulmanos, fazendo com que igrejas fossem mais visitadas e mesquitas fossem fundadas na cidade de São Paulo (KHOURI, 2013).

Nos bairros da Paulista, Ibirapuera e 25 de Março eram majoritariamente os cristãos que se identificaram com a Igreja Ortodoxa Antioquina da Anunciação à Nossa Senhora (fig. 15). No Brás, muçulmanos fundam a Mesquita Brasil (fig. 16) que é referência religiosa até os dias de hoje.

A religião também pode determinar vínculos identitários em outros espaços, através de seus símbolos, como no comércio, por exemplo. Ao observar a rua 25 de Março e entorno e o Brás, é visível a presença de imagens de São Jorge, trechos do Alcorão, ícones de São Charbel e de Nossa Senhora do Líbano no interior das lojas. (KHOURI, 2013, p.233)

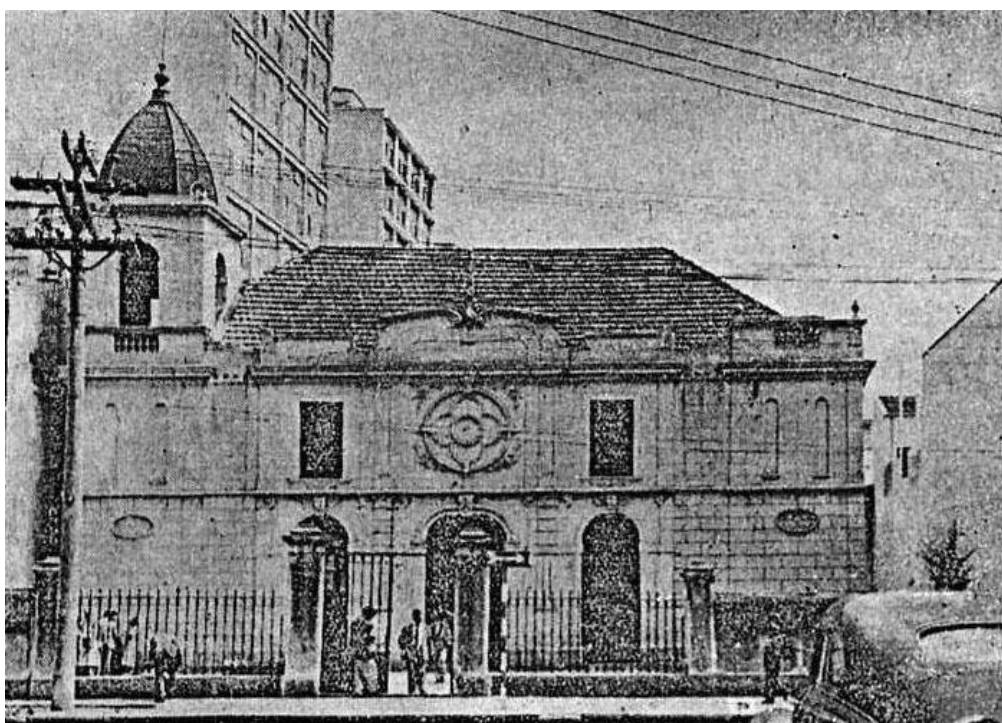


Figura 15: Fachada da Igreja Ortodoxa Antioquina da Anunciação à Nossa Senhora. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/primeira-igreja-ortodoxa-incendio/>. Acesso em: 20 out. 2022.



Figura 16: Fachada da mesquita Brasil. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303631-d8002275-Reviews-Mesquita_Brasil-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html. Acesso em: dez 2021.

Com o objetivo de manter a identidade e a integridade da cultura, também investiram em clubes socio-esportivos, onde se reuniam e manifestavam suas origens. São locais de sociabilidade dessa comunidade, onde podiam preservar seus costumes e celebrar datas e eventos importantes, além de terem contato com a língua, música, gastronomia e costumes. Nestes locais não se têm muito contato com a religião, fazendo com que o ambiente seja acolhedor para a população em geral. Podemos citar o Clube Homs, localizado na Av. Paulista, o Clube Marjayoun, no bairro do Paraíso, o Clube Atlético Monte Líbano, no Jardim Luzitania, e o Esporte Clube Sírio, na Av. Indianópolis, todos fundados e construídos pelos próprios imigrantes sírios e libaneses.

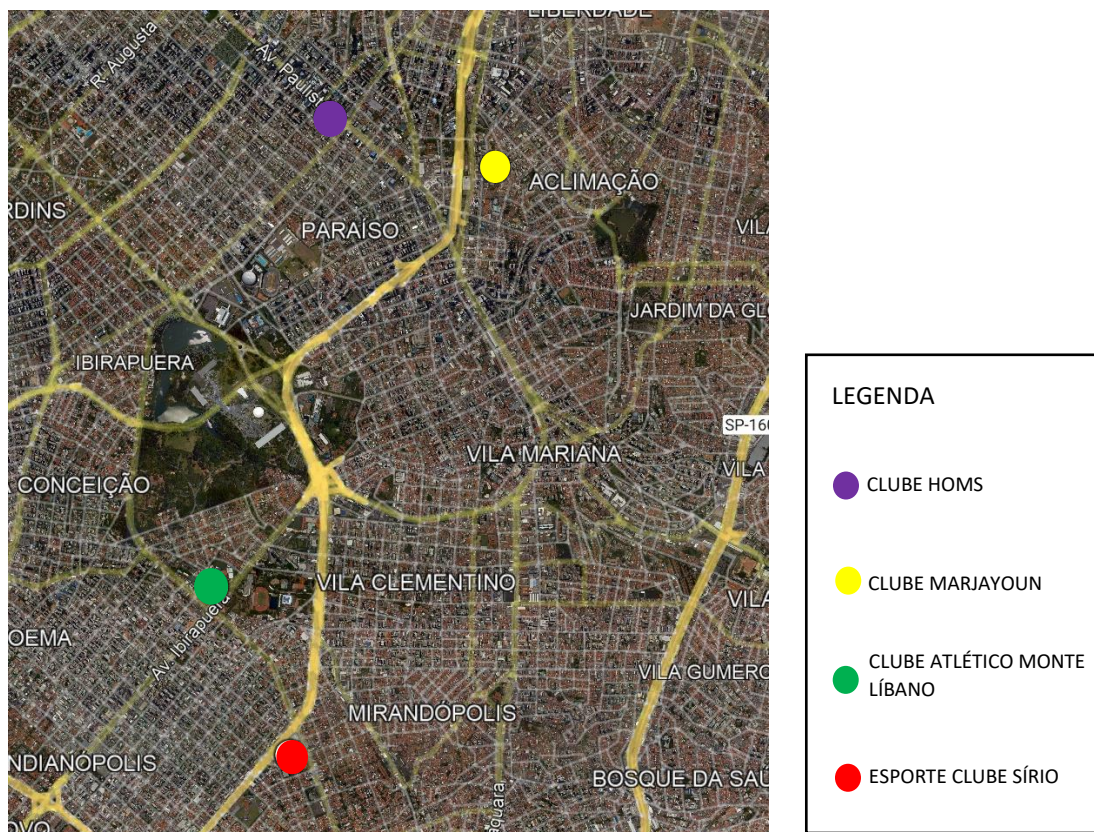


Figura 17: localidade dos clubes. Elaboração própria a partir do Google Earth.
Autora: Samia Mazloum.

Não só a cidade crescia, mas os imigrantes também prosperavam. Dominando o setor têxtil e fabril da cidade, os árabes foram capazes de se estabelecer e até mesmo ingressar em universidades de medicina, direito e engenharia, facilitando ainda mais sua inserção na sociedade paulistana e permitindo a representação da cultura em cargos e posições de alto escalão. Como exemplos dessa prosperidade, cito a seguir as famílias que mais cresceram e influenciaram na ascensão da cidade de São Paulo.

As famílias Árabes em São Paulo

A cidade que mais recebeu imigrantes no Brasil foi a base para o crescimento de muitas famílias que buscavam novas oportunidades. Muitas dessas famílias não tinham recursos e vinham apenas com seus poucos pertences, já outras vinham de uma linhagem abastada e com o desejo de prosperar. Independente da classe social, todos trabalharam para conseguir uma vida melhor para suas famílias e a representação disso foi na arquitetura. As famílias investem em construções suntuosas em locais de destaque, como a Avenida Paulista, por exemplo, para se fazerem presentes na sociedade e trazer um pouco de sua cultura para o ocidente.

Família Rizkallah Jorge

A família Rizkallah Jorge foi uma das grandes influências imigrantes no desenvolvimento da cidade de São Paulo. Inicialmente em sua vinda, em 1868, trabalhou como faxineiro em uma loja de metais importados e, logo depois, trabalhou naquilo que se especializara em sua terra natal: fundição de cobre. Após 3 anos de empenho e juntando recursos, Rizkallah funda a Casa da Boia, loja especializada em produtos hidráulicos e encanamento. Essa foi sua fonte de enriquecimento e investiu em importantes no âmbito da arquitetura e do urbanismo da cidade de São Paulo, como o Palacete São Jorge, Palacete Paraíso, Palacete Alepo, 5 prédios na Rua 25 de Março e na Rua Florêncio de Abreu. Na época, a propriedade imobiliária se torna a maior representação de riqueza. Além disso, Jorge investiu em elementos da infraestrutura sanitária da malha urbana do centro da cidade, acarretando a diminuição da proliferação de epidemias causadas pela falta de saneamento básico (GERAISSATI, 2016).

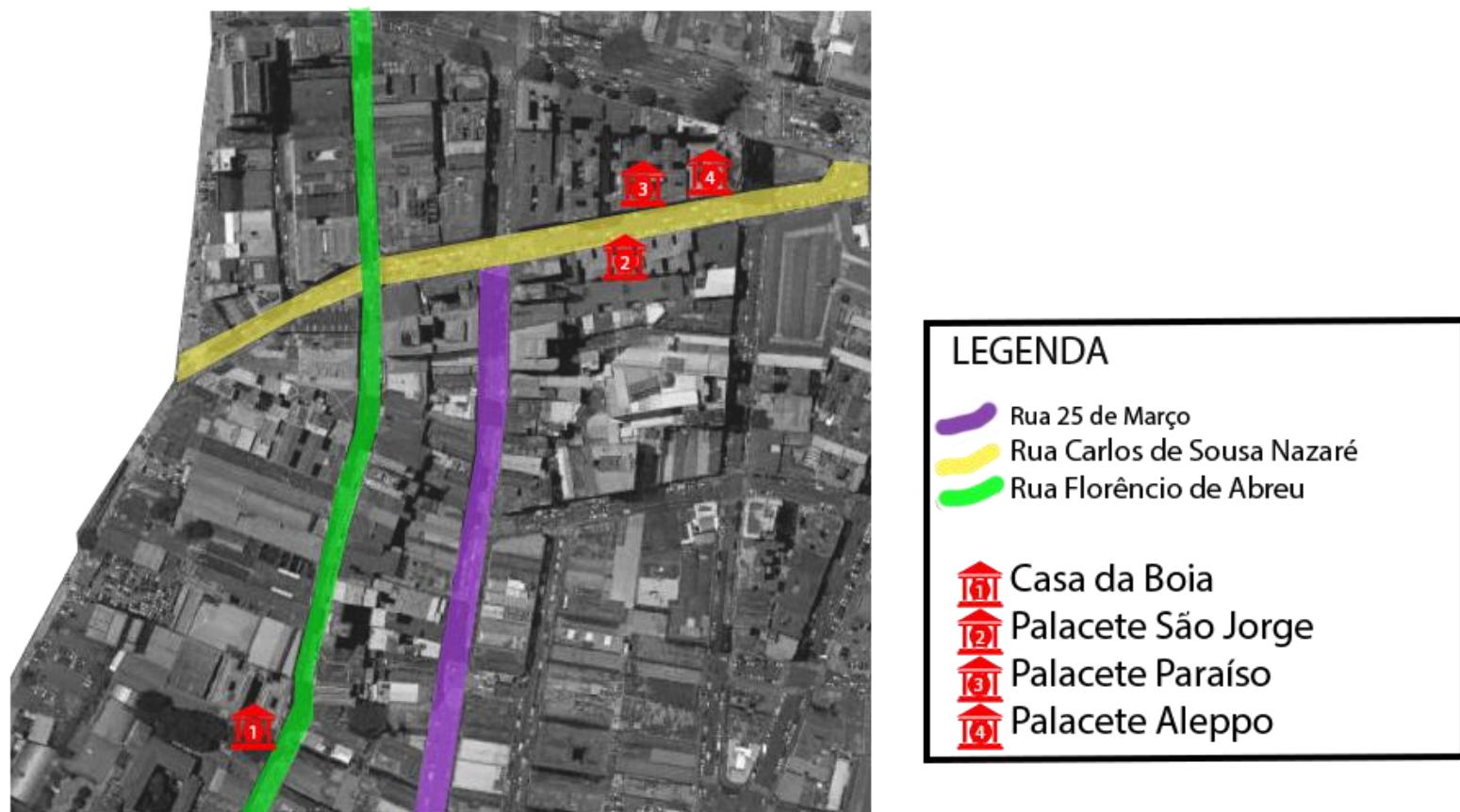


Figura 18: Desenvolvimento da família Rizkallah na cidade. Elaboração própria a partir do Google Earth.
 Autora: Samia Mazloun.

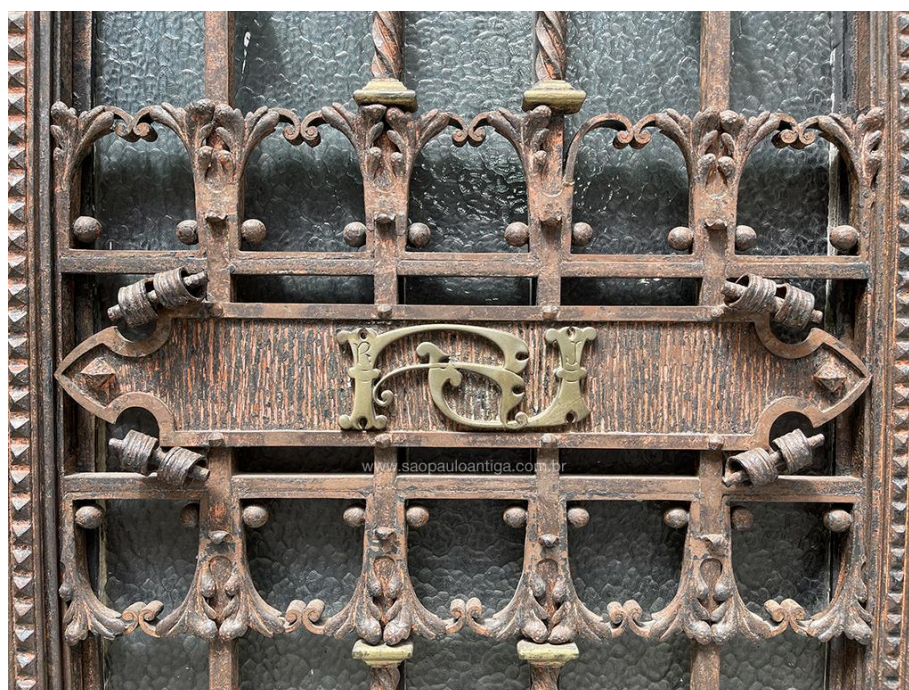


Figura 19: Porta do Palacete São Jorge com as iniciais da família. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-sao-jorge/>.
 Acesso em: 10 jun. 2022.



Figura 20: Palacete São Jorge (à esquerda) e Palacete Paraíso (à direita). Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-paraíso/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

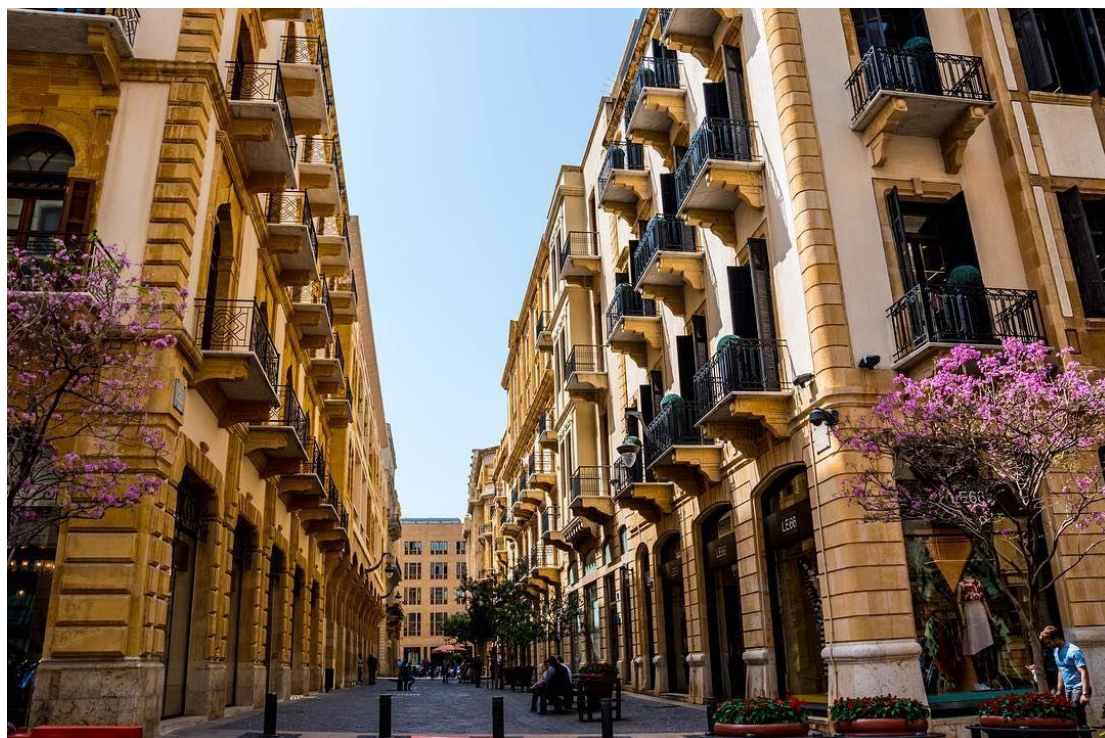


Figura 21: Rua do centro de Beirute, Líbano. Disponível em: <https://www.lebanoninapicture.com/pictures/beirut-downtown-lebanon-lebanonspotlights-beirut-souks>. Acesso em: 23 ago. 2022.

É muito clara a semelhança arquitetônica nas construções das ruas apresentadas nas imagens acima, duas cidades distintas, porém com as mesmas fachadas revestidas com pedras, pequenas varandas projetadas, lojas e galerias no térreo e um elemento quase que constante nas construções mouriscas: mísulas ornamentadas.



Figura 22: Mísula ornamentada esculpida no século XV pelos indianos exibida no Museu de arte islâmica do Qatar.
Autora: Samia Mazloum.

Família Jafet

“A urbanização e a formação do bairro do Ipiranga estão estritamente relacionadas ao estabelecimento da família Jafet nessa região” (KHOURI, 2013, p.61).

O bairro do Ipiranga era considerado suburbano até o final do século XIX, pela dificuldade de mobilidade e falta de recursos e oportunidades de trabalho. Mas tudo isso muda com a implantação da Cia. Fabril de Tecelagem e Estamparia Ipiranga, primeira indústria de grande porte que pertenceu aos irmãos Jafet. Benjamin Jafet foi o primeiro da família a desembarcar em terras brasileiras, trazendo um carregamento de tecidos, pentes, perfumes e camisas no

intuito de mascatear. Após três anos, juntou dinheiro suficiente para abrir sua própria loja de tecidos e armarinhos na rua 25 de Março, o que faz com que o resto da família também se mudasse para o Brasil. Juntos, conseguem subsídios para comprar uma loja maior na Rua Florêncio de Abreu e para construir dois novos edifícios para abrigarem suas outras lojas, assim gerando lucros maiores e investindo cada vez mais em setores imobiliários, urbanos e industriais (KHOURI, 2013). Pode-se dizer que os Jafet foram estimuladores do setor industrial e de manufatura nacional.



Figura 23: Uma das primeiras lojas da família Jafet na Rua 25 de Março.

Fonte: Khouri, 2013, p.63.

Os Jafet também investiram em moradias populares, perto das indústrias destinadas aos seus trabalhadores, que pagavam aluguéis mais baratos e tinham o benefício de morar perto do local de trabalho e de restaurantes, creches, escolas, mercados e ambulatórios também comandados por membros da colônia (KHOURI, 2013).

Além do setor industrial são conhecidos os grandes palacetes mouriscos nas Ruas Bom Pastor e Costa Aguiar, construídos para moradia da própria família, como o Palacete Rosa que teve inspiração em elementos da Grande Mesquita de Córdoba e da Mesquita de Damasco.



Figura 24: Fachada do Palacete Rosa. Foto de: Sergio Brisola. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2020/08/palacete-rosa-ipiranga-sao-paulo.html>. Acesso em: ago. 2022.

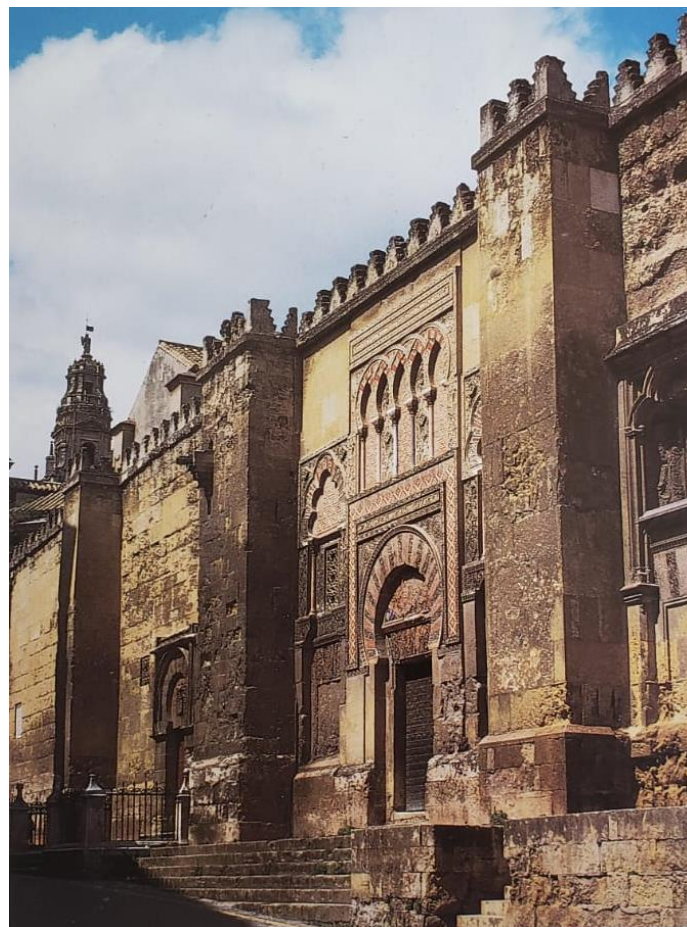


Figura 25: Fachada oeste da Grande Mesquita de Córdoba.

Fonte: Stierlin (2002).

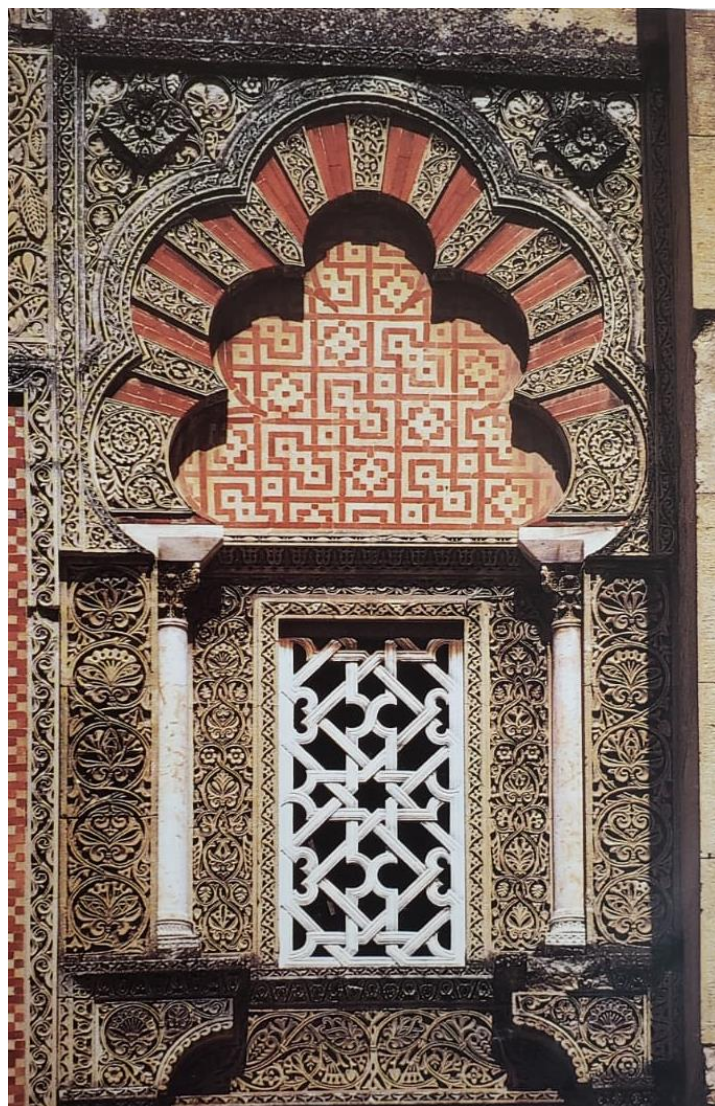


Figura 26: Detalhe da escultura da fachada da Grande Mesquita de Córdoba.

Fonte: Stierlin (2002).

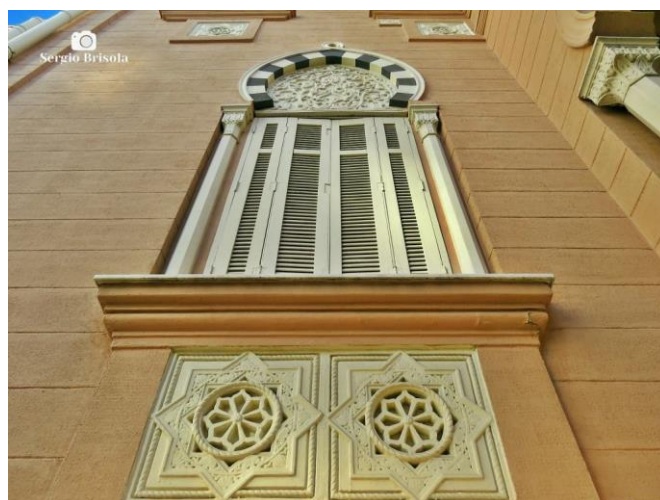
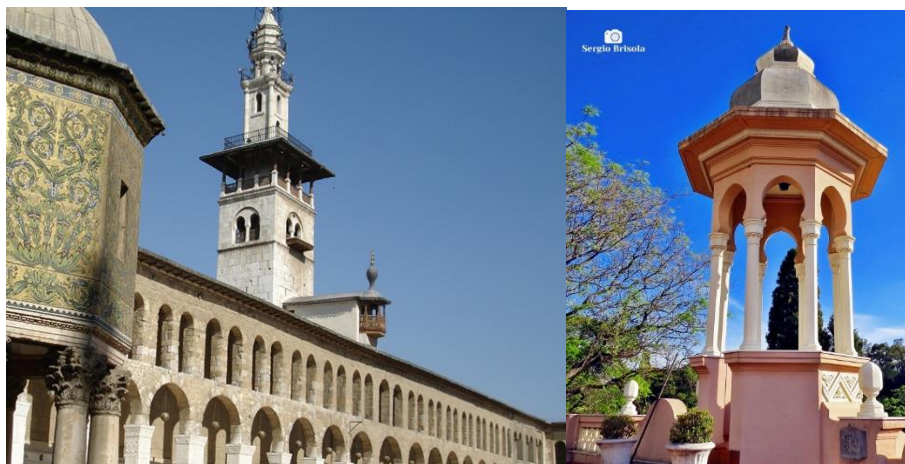


Figura 27: Detalhe da janela do Palacete Rosa. Fotografia de Sergio Brisola. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2020/08/palacete-rosa-ipuranga-sao-paulo-detalhes.html>. Acesso em: ago. 2022.

É possível observar a semelhança nos arcos das fachadas das duas construções e dos ornamentos ao redor das esquadrias. Arcos em ferradura e detalhes nas cores salmão e branco são destaque nas obras citadas.



Figuras 28 e 29: Minarete da Mesquita de Damasco. Fotografia de: Tiberio Frascari. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/tango-/5329982420/in/photostream/>. Acesso em: 20 nov. 2021 e Minarete do Palacete Rosa. Fotografia de: Sergio Brisola. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2020/08/palacete-rosa-ipuranga-sao-paulo-detalhes.html>. Acesso em: ago. 2022.

O minarete troca sua função de elemento utilizado para propagar o som do “chamamento das orações” e agora serve como demonstração de robustez e imponência, característica que a comunidade árabe buscava apresentar em suas construções no Brasil para demarcação de território e exemplo de ascensão.

Família Andraus

Os irmãos Abrão, Amin e Calil vieram ao Brasil e investiram no ramo de tecidos fundando a Casa Três Irmãos em 1900. Após a Primeira Grande Guerra transformam o comércio e exportação de tecidos juntamente com a família Petrella, imigrantes italianos que também dominavam o setor manufatureiro e têxtil, sendo todos eles de famílias abastadas que fizeram capital financeiro como proprietários da maior fábrica de tecidos do Brasil, a Fábrica de Sedas Três irmãos, antiga Petrella e Polti, o que permitiu a aquisição de propriedades de grande valor, como uma fazenda para a fabricação de seda e casarões na Avenida Paulista (COTRIM, 2020).



Figura 30: Matéria sobre a visita do Ministro da Agricultura à fábrica dos irmãos Andraus. Fotografia de: Luciana Cotrim. Disponível em: <https://serieavenidapaulista.com.br/2020/07/24/esplendor-e-a-casa-de-amin-andraus/>. Acesso em: out. 2022.

Na Avenida Paulista sempre foi e ainda é possível apreciar uma variedade de estilos arquitetônicos, e tudo começou no final do século XIX e início do século XX, resultado das ondas imigratórias e representação de diversas culturas através da arquitetura. Casarões neo-islâmicos, como também eram chamados os mouriscos, tinham grande espaço nessa multiplicidade. O casarão da família de Abrão Andraus foi inicialmente projetado em estilo neoclássico sob a encomenda da família Schaumann e ganhou suas características mouriscas após a aquisição pela família árabe. Agora, a residência é apresentada com vitrais coloridos, arcos em ferradura, ornamentações e mobiliários orientais (COTRIM, 2016).



Figura 31: Residência de Abrão Andraus ou Palacete Mourisco.

Fonte: Acervo de Sérgio Ramos Câmera, apud Cristofi, 2016: página 33.

Mais à frente, na mesma avenida, estava o casarão de seu irmão, Amin Andraus, um empresário que gostava de viajar e que tinha grande representação na alta sociedade libanesa de São Paulo e do Rio de Janeiro. É possível exemplificar a importância dessa família para o mercado imobiliário com a criação da OCIAN, Organização Construtora Incorporadora Andraus, que foi responsável pela construção de diversas residências em Santos (COTRIM, 2016).



Infelizmente, em 1982, os casarões foram demolidos a mando dos então donos, antes de uma ameaça de tombamento das edificações, o que provocou grande revolta na população paulistana que apreciava a singularidade dessa arquitetura orientalista (CRISTOFI, 2016).

Entretanto, é importante fazermos uma retrospectiva na história e apontarmos a influência indireta que os árabes tiveram no Brasil através de sua presença na Península Ibérica e, posteriormente, com a vinda dos portugueses no final do século XV, pois trouxeram elementos não só de arquitetura e que se fazem presentes até os dias de hoje.

Capítulo 2 - Arquitetura Árabe: uma retrospectiva Arquitetura Árabe na península Ibérica

A presença da arquitetura árabe no Brasil não deve ser atribuída somente com a chegada dos imigrantes em fins do século XIX. A ligação com a cultura árabe está presente entre os portugueses e o longo período em que os árabes dominaram a península ibérica, cujos traços ainda são presentes na língua, arquitetura, urbanismo e outros aspectos culturais que foram assimilados pelos povos ibéricos. Por isso, neste capítulo, a intenção é resgatar a presença árabe, em Portugal e na Espanha entre os séculos VII e XV, e como essa cultura acabou sendo assimilada em muitos aspectos pelos portugueses. Com a ocupação portuguesa na América, muitas dessas características culturais atribuídas aos árabes e incorporadas pelos portugueses, atravessaram o Atlântico e se manifestaram na América Portuguesa.

A presença árabe na península ibérica remonta ao ano de 720. Após a morte do rei Vitiza, as terras da Península Ibérica foram governadas pelo império visigodo, povo bárbaro que promovia conflitos internos e possuíam uma dominação de cunho autoritário. Insatisfeitos, os sucessores do monarca convocam a ajuda do exército marroquino para uma batalha determinante. Liderados pelo general Tarique ibn Ziyad, os árabes surpreendem os visigodos na travessia do estreito de Gibraltar, impondo um novo império vigente (JAROUCHE, 2017).



Figura 33. A OCUPAÇÃO ÁRABE NA PENÍNSULA IBÉRICA.

Fonte: Zimmermann (sem data).

Segundo Abdulmalik Bin Habib² (JAROUCHE, 2017), em seus relatos sobre a invasão islâmica, tanto o trajeto quanto os primeiros passos para a conquista foram tramados por Tarique e Musa Bin Nusayr, governador do Marrocos. Doze mil soldados visigodos já esperavam pela tropa marroquina nos portos da Península para que, juntos, promovessem a derrota dos inimigos, contados em setenta mil homens.

Após a conquista, os árabes fundam Andaluzia, uma espécie de emirado, tendo como sua capital a cidade de Córdoba e transformam a região num verdadeiro centro cultural islâmico. O Palácio de Al-Hambra, a Mesquita de Córdoba, a Igreja Matriz de Mértola, o Castelo de Silves, entre outras obras, fazem parte do patrimônio europeu até os dias de hoje. É importante ressaltar que os árabes, como defensores da história e da tradicionalidade, preservaram e reutilizaram materiais e elementos para compor imponentes construções, como os capiteis e a malha estrutural da Mesquita de Córdoba.

² Historiador do século IX que relatou em detalhes os acontecimentos durante a invasão em seu *Livro de Histórias*.



Figura 34. ESTRUTURAS ARQUEADAS DA IGREJA MATRIZ DE MÉRTOLA.

Fonte: Neves (2015).

Logo, Andaluzia se preenche em uma paisagem repleta de minaretes, abóbodas, arcos e pátios abertos ornamentados, característicos da arquitetura islâmica. Ao contrário do que se possa pensar, nem todas as construções eram dedicadas aos cultos religiosos. Os árabes investiram na construção das *madrassas*, escolas dedicadas ao ensino da medicina, agricultura e ciências. Outro componente sobressalente na cidade era o *hammam*, espécie de banheiro destinado às abluções e higiene que os muçulmanos tanto prezam (OCÓN, 2018).



Figura 35. O CALIFADO DE CÓRDOBA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Emirado_de_C%C3%B3rdoba. Acesso em: jun. 2021.

O domínio árabe tornou Córdoba uma região influente e rica, sendo a maior cidade europeia do século em que o império islâmico garantiu a preservação da cultura. O desenvolvimento urbanístico se dá a partir de estruturas e ruínas romanas, destruídas pelo antigo império, com suas ruas e caminhos em adarves, característico da arquitetura militar islâmica.



Figura 36. ADARVE DE CÁCERES.

Fonte: Zimmermann (sem data).

Estudiosos apontam que a dominação árabe é mais intensa ao Sul de Portugal, porém podem-se identificar traços árabes também na Espanha e na Itália. A dominação permitia certa liberdade cultural e religiosa, valorizando a tradicionalidade e promovendo acréscimos às cidades europeias. Na sequência são listados alguns desses edifícios representativos da cultura árabe na península ibérica:

Mesquita de Córdoba

A mesquita de Córdoba construída por Abdul Tahman I, onde seria a igreja visigoda de São Vicente, foi constituída por colunas e capitéis restantes das destruições visigóticas. Como elementos característicos da arquitetura islâmica, se fez o uso exacerbado de madeira e mármore.



Figura 37. INTERIOR DA MESQUITA DE CÓRDOBA. Disponível em: <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/mesquita-de-cordoba/>. Acesso em: ago. 2021.

Palácio de Alhambra

O Palácio de Alhambra foi utilizado como uma espécie de fortaleza para os muçulmanos. Foi gradualmente construído pelo império nasrida³ com o uso de ornamentações e padrões geométricos. Posteriormente, esses elementos árabes foram cobertos com cal e substituídos por elementos renascentistas.

³ Última dinastia islâmica que prevaleceu durante a invasão na Península Ibérica.



Figura 38. PÁTIO INTERNO DO PALÁCIO DE ALHAMBRA. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/alhambra-granada/>. Acesso em: out. 2021.

Cidade Medina Al Zahara

A cidade Medina Al Zahara foi construída por Abdrahman III, em homenagem à sua esposa Zahra, como símbolo de dignidade e ascensão. Foi a maior superfície urbana construída de uma só vez na região do Mediterrâneo. Possui um traçado octogonal (numerologia islâmica) e uma rede de abastecimento de água planejada. O maior simbolismo construtivo religioso e cultural fica no Salão e jardim do Jardim Alto, na Casa dos Vizires.



Figura 39. RUÍNAS DA MEDINA AL-ZAHARA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Medina_Azara. Acesso: out. 2021.

No caso da presença árabe em Portugal, a dominação da Península Ibéria pelos árabes, por quase 5 séculos, foi o principal fator para o surgimento de técnicas artísticas e arquitetônicas de caráter islâmicos. Sendo assim, a junção dos estilos árabe e europeu resulta numa arquitetura chamada moçárabe. Em Portugal, em cidades como Lisboa, Faro e Coimbra, a invasão se fez presente com as muralhas, portas, arcos, mesquitas, jardins, mercados e até mesmo no traçado urbano. Essa região islamizada, conhecida como Gharab, passa por diversas transformações até se tornar a atual Portugal, por isso são poucos os vestígios remanescentes daquele período (SNAJDAUFOVÁ, 2006).



Figura 40: PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA. Disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/palacio-nacional-de-sintra>. Acesso em: out. 2021.

Podemos observar, também, esse resultado através de obras como a igreja de São Frutuoso de Montélios, de São Torcato e no Museu de Elvas com sua fachada ornamentada. Um elemento marcante dessa arquitetura foi a utilização de azulejos decorativos nas paredes, geralmente com desenhos geométricos e arabescos. Outro elemento fundamental e característico é o arco em ferradura, ali aprimorado para melhor estruturação das edificações.



Figura 41: FACHADA DO ANTIGO FORTE DE ELVAS. Disponível em: <https://comunidadeslusofonas.pt/forte-portugues-e-o-maior-do-mundo-e-os-espanhois-adoram-no/>. Acesso em: out. 2021.



Figura 42: ARCO EM FERRADURA – CASTELO DE SILVES.

Fonte: Zimmermann (sem data).

Tudo o que se conhece da arquitetura árabe em Portugal é fruto de estudos e análises dos elementos construtivos que permitiram a restauração desses elementos. Um dos maiores exemplares desse patrimônio é a cidade de Mértola, lar da igreja de Mértola, originalmente uma mesquita, que tem sido restaurada desde a região do Bairro até as necrópoles islâmicas (BREDERODE, 2010).

Dos elementos arquitetônicos mais importantes, destacam-se as abóbodas e os arcos em ferradura (fig. 42) que, mesmo tendo sido utilizados anteriormente à dominação, foram aperfeiçoados esteticamente e estruturalmente. As ornamentações características da arquitetura islâmica foram utilizadas como forma de “esconder” a estrutura e permitir que ela fizesse parte decorativa da construção. Além disso, a repetição de padrões geométricos, de elementos da natureza e a escrita de passagens corânicas na composição dos edifícios resultaram em um efeito harmônico tridimensional que transmitia uma essência misteriosa, individual da religião islâmica. Pode-se citar o Palácio Nacional de Sintra, Castelo dos Mouros, a Igreja Matriz de Mértola e os arcos em ferradura da Porta da Vila de Faro, como algumas dessas heranças conservadas até os dias de hoje (O emigrante, 2016).



Figura 43: CASTELO DOS MOUROS. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_dos_Mouros_\(Sintra\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelo_dos_Mouros_(Sintra)). Acesso em: set. 2021.

A Reconquista Cristã

Já no século VIII, os cristãos iniciam um movimento de reconquista da Península, expulsando os árabes do local e escravizando aqueles que se recusavam a sair. Porém, muitos que se recusavam a sair ou eram protegidos pelos reis portugueses com quem tiveram envolvimento familiar, acabam vivendo em comunas denominadas mourarias ou arrebaldes, geralmente administradas por um alcaide. Eram compostas por, ao menos, duas mesquitas, uma cadeia, uma escola, banhos, currais, mercados e um cemitério. Nesses locais, isolados da comunidade cristã por um muro, os árabes não poderiam transitar entre o pôr e o nascer do sol e teriam que

pagar impostos prediais e de capitação, e estariam sujeitos ao pagamento de multas, em casos de infrações (MARQUES, 1988).

Na metade do século XV, sobre o domínio de D. Manuel, houve a expulsão total dos muçulmanos na Europa, proibindo qualquer exceção e fazendo com que muitos até mudassem de nome para permanecerem em seus lares (BREDERODE, 2010).

No final do século XV ocorreram as expedições portuguesas em direção às índias para cunho comercial, ocupando as terras americanas e começando o processo de colonização e, junto a isso, um processo de urbanização. Os primeiros edifícios eram de cunho religioso e seguiam o mesmo estilismo e técnicas praticadas em Portugal, após a invasão na Península Ibérica, porém adaptadas à utilização de materiais e técnicas locais. A arquitetura residencial mantinha um padrão de pavimentos, aberturas, gabarito e área para garantir uma aparência uniforme nos bairros coloniais.

De modo geral, a paisagem urbana da América Portuguesa era composta por casas térreas, igrejas, fortes militares, escolas, mercados e praças (MOREIRA, 2021).

No tocante às técnicas construtivas, observa-se o uso da taipa de pilão, técnica de origem árabe que era praticada pelos portugueses. A terra, como matéria-prima na elevação de alvenarias, de abóbadas e de outros elementos construtivos, tem sido empregada desde o período pré-histórico. Na Turquia, na Assíria e em outros lugares no Oriente Médio foram encontradas construções com terra apiloada ou moldada, datando de entre 9000 e 5000 a.C. (MINKE, 2001). No Egito antigo, os adobes de terra crua, assentados com finas camadas de areia, eram utilizados na edificação de fortificações e residências, e uma espécie de argamassa feita de argila e areia era material de preenchimento de lajes de cobertura estruturadas com troncos roliços. As muralhas da China também foram edificadas com argila apiloada entre alvenarias duplas de pedra.

As referências do uso das taipas em Portugal são registradas pelos escritores desde a presença romana e traduzem sempre o uso da terra como o componente mais importante. A região de Portugal que mais utilizou a taipa é a do Algarve (PISANI, 2004).

Ecletismo na Europa, século XIX

Após a reconquista cristã do sul da Europa surgem elementos construtivos com novos padrões, porém com a essência ancestral. Esses novos padrões se fortalecem com a Revolução Industrial e a ascensão da burguesia, o que acarreta na criação de novas técnicas.

O Ecletismo foi considerado o “estilo” arquitetônico do século XIX na Europa, predominando pela diversidade construtiva desenvolvida pela classe burguesa que estava em busca de novidades e progresso. Assim, a cidade se torna um antro de elementos de diversas culturas e regiões, repleta de construções simbólicas e ornamentadas, nem sempre obedecendo aos significados originais de tais elementos (PATETTA, 1987).

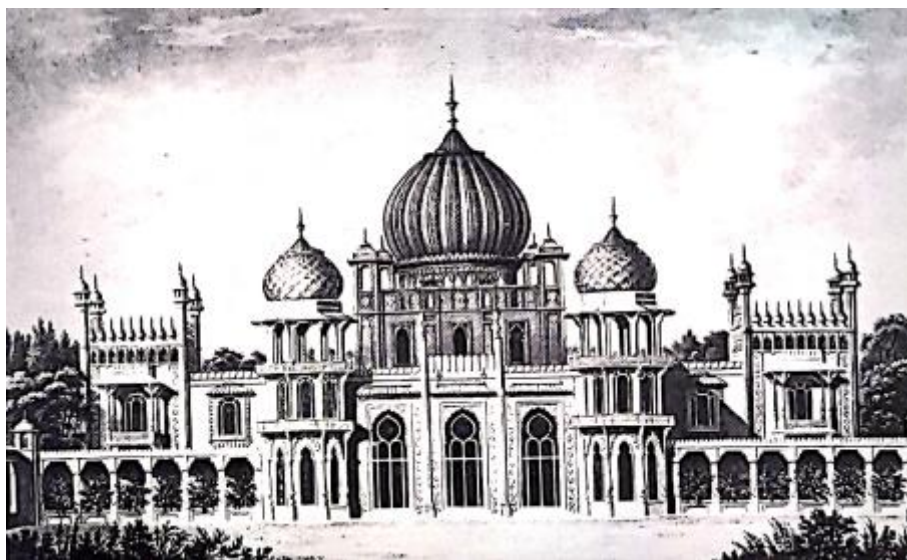


Figura 44: Palácio do Regente, Londres, 1808.

Fonte: Patetta, 1987.

A maior representação simbólica do ecletismo é dividida em três correntes: a composição estilística, a do historicismo tipológico e do pastiche compositivo. Enquanto a primeira copiava os elementos estilísticos de certa cultura, a segunda fazia analogia a essas culturas, exibindo pequenos traços em suas composições. Já a última era composta por invenções nunca antes vistas (LEMOS, 1987).

Ecletismo em São Paulo

“O ecletismo é uma questão de firmação personalista de cada um na multidão” (LEMOS, 1987, p.70).

São Paulo, no período colonial, foi uma cidade isolada e, pode-se dizer, arcaica no âmbito da arquitetura. As primeiras construções eram elaboradas com a taipa de pilão (primeira grande contribuição do colonizador português), exibindo o mesmo padrão de plantas e disposições e tendo como único elemento mutável a fachada. Antes da era do café, São Paulo não conhecia o Neoclássico Francês (LEMOS, 1987).

A prosperidade se fez após a instalação das estradas de ferro pelos ingleses em 1867, fazendo com que São Paulo se destacasse no cenário político e econômico. A cidade de Santos passou a ser porto principal de recebimento das novidades e multiplicidades do mundo (LEMOS, 1987).

Já são notados na rua os estrangeiros falando arrevesado. Não ainda os imigrantes vindos para a lavoura, mas gente de fora, atraída pela fortuna fácil através de trabalhos peculiares, como a costura, a alfaiataria, a fotografia, a culinária, o comércio especializado representante das firmas europeias e, principalmente, as atividades liberais. (LEMOS, 1987)

A taipa foi substituída por tijolos e São Paulo foi reconstruída de alvenaria, tornando-se, no início do século XX, uma cidade urbanizada, adensada e desenvolvida. Assim, em 1910, as construções já passavam de 32 mil (LEMOS, 1987).

A classe alta de cafeicultores trazia engenheiros, arquitetos e até mesmo mestres de obras da Europa para desenvolverem a construção de seus palacetes com o máximo de elementos semelhantes possíveis, sendo esses replicados pelas outras classes da população. Portanto, segundo Lemos, surge um “novo ‘saber fazer’” para a arquitetura, com técnicas e materiais vindos de fora (LEMOS, 1987).

Uma das primeiras grandes obras com característica do ecletismo Neoclássico foi o Hospital da Beneficência Portuguesa, projetado pelo arquiteto português Manoel Gonçalves da Silva Cantarino, em meados dos anos 1860, que exibiu em sua fachada mais de 2700 peças de azulejos decorados ao estilo “lusitano” (LEMOS, 1987).



Figura 45. ECLETISMO NO BRASIL.

Fonte: Lemos, 1987.

Como obra mais importante do ecletismo historicista, cita-se a grande Catedral projetada no centro de São Paulo por Maximiliano Hehl. Essa obra foi caracterizada pela complexa aplicação de pedras na fachada e uma cúpula central com iluminação zenital. Era uma arquitetura remetente ao gótico europeu influenciado pelo mourisco, neoegípcio e assírio (LEMONS, 1987).

Porém, o local com maior número de construções ecléticas historicistas foi a Avenida Paulista, que era habitada por uma classe de alto poder aquisitivo e status social. Segundo Lemos, “podíamos encontrar residências arabizantes, otomanas, românicas, góticas de várias nuances nacionalistas somadas a exemplares neoclássicos, neo-renascentistas e todas as versões francesas em torno dos luíses, principalmente o XVI.”

“A cidade, dessa feita, deve ser vista como um território da multiplicidade, da mistura, da convivência, da variedade. A cidade, em especial a brasileira, é um ente de muitas faces.” (ATIQUE, 2015, p.14).

O ecletismo moldou a cidade de São Paulo como uma forma de “diálogo” entre quem executou a arquitetura, muitas vezes arquitetos sem diploma, e quem a recebeu, permitindo melhor compreensão das mudanças que a sociedade sofreu após a Revolução Industrial e a vinda dos imigrantes. Esse “diálogo” era feito através de elementos ornamentados e caracterizantes das origens culturais dessas pessoas que almejavam marcar presença através da arquitetura (ATIQUE, 2015).

Os imigrantes árabes, portanto, usam esse diálogo para estabelecer uma ponte com suas origens e como forma concreta de representatividade, seja cultural ou religiosa, construindo uma arquitetura que faz referência aos seus traços identitários, formando e transformando São Paulo como a conhecemos hoje. Por esse motivo é importante identificar os elementos que formam essa nova arquitetura, reconhecendo e desenvolvendo uma análise dos bens tombados e dos ornamentos que os compõem, tornando-os patrimônio e permitindo o entendimento da história da cidade.

Capítulo 3 - Memória árabe em São Paulo: por um inventário temático

Elementos e técnicas construtivas trazidas durante a colonização no século XVI e, posteriormente, com a imigração no final do século XIX, deram a sua contribuição para que o ecletismo aflorasse na cidade de São Paulo, tornando-a eclética e cheia de multiplicidades arquitetônicas.

Órgãos como o DPH/Conpresp (Departamento do Patrimônio Histórico), CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico) e IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) determinaram que, muitas dessas construções, deveriam ser preservadas e protegidas como patrimônio histórico e cultural no âmbito da cidade (Conpresp), do Estado (CONDEPHAAT) e do país (IPHAN). Essas instituições foram criadas ao longo do

século XX e foram responsáveis pela salvaguarda de bens materiais e imateriais referentes as diversas culturas presentes dentro da sociedade brasileira. Exemplos referentes ao colonizador, aos povos originários e africanos, bem como dos diversos povos que migraram para o país. Dentro desse contexto, muitos exemplos ligados à cultura árabe foram tombados. A pesquisa focalizou nos bens tombados pelo CONDEPHAAT e CONPRESA para indicar quais são os bens existentes no início da década de 2020. A proposta é a de realizar um pré-inventário temático que consiste em um documento para identificar a variedade dos exemplos da arquitetura árabe, muitos dos quais não estão diretamente ligados aos imigrantes e seus descendentes. Percebe-se que a penetração desses elementos arabizantes, pela ornamentação e exotismo influenciou também outros segmentos sociais. Desta forma, cria-se como critério dentro desse pré-inventário fazer um recorte desses patrimônios ecléticos com características e elementos mouriscos que são protegidos e preservados por esses órgãos.

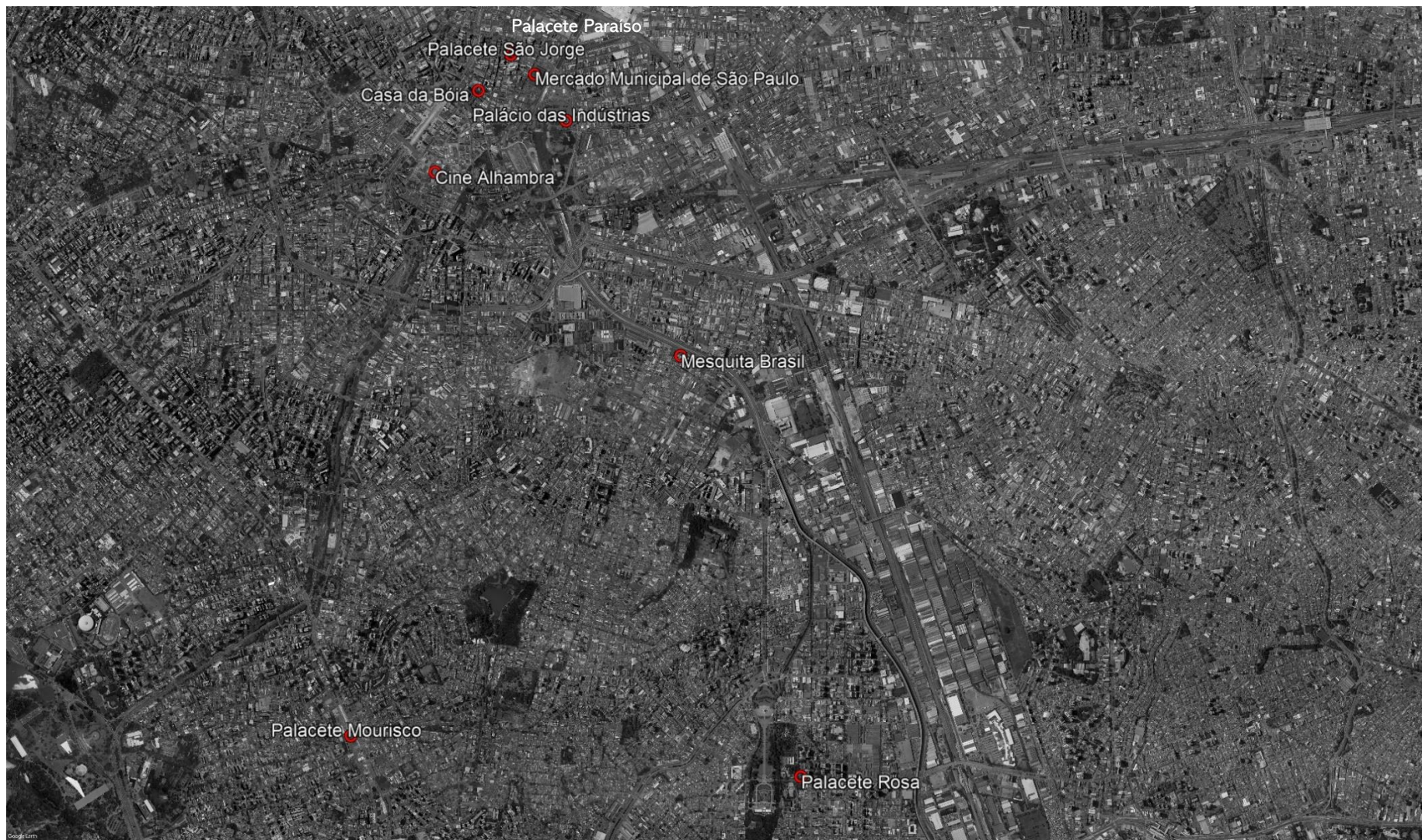
Outro critério é o recorte temporal da construção desses edifícios, que ocorreu entre os anos 1910 e 1930, após a grande onda imigratória que ocorreu na cidade de São Paulo. A grande ligação é que a maioria desses edifícios, como o Palacete Rosa, o São Jorge, o Paraíso, a Casa da Boia e a Mesquita Brasil, por exemplo, foram encomendados pela alta sociedade desses imigrantes como forma de demonstrar ascensão econômica e marcar sua presença na cidade. Sobressaem-se, também, outras edificações que foram encomendadas pelo próprio Estado, como o Palácio das Indústrias e o Mercado Municipal, por exemplo, projetadas por arquitetos que utilizaram técnicas e elementos estrangeiros em suas construções. Além de outros edifícios onde houve uso de elementos árabes.

Mais um recorte determinante é dos elementos arabizantes provenientes da arquitetura islâmica presentes nesses edifícios que, mesmo em detalhes, caracterizam a multiplicidade cultural da cidade e a presença árabe na sociedade da época. Elementos como balcões ornamentados, uso de azulejos, arcos em ferradura, vitrais coloridos e detalhes em arabescos delicados são vistos até hoje em São Paulo, a cidade que mais recebeu imigrantes no Brasil.

Assim, esse pré-inventário temático gira em torno da análise do Palácio das Indústrias, Cine Alhambra, Casa da Boia, Palacete Mourisco, Palacete Rosa, Mercado Municipal de São Paulo, Salão Mourisco do Edifício Martinelli, Palacete Paraíso, Palacete São Jorge e da Mesquita Brasil. Essa análise é composta por informações, como arquiteto ou construtor responsável, ano de construção, logradouro, órgão patrimonial, proprietário e uso dos edifícios, resultando em fichas técnicas sobre estes. Além disso, são apresentados os elementos característicos da arquitetura árabe que fazem parte dos detalhes dessas construções.

É importante ressaltar que um inventário patrimonial completo consiste na análise e coleta de dados de valores administrativos e de preservação por parte das políticas públicas do local em questão. É essencial para reconhecimento contábil e patrimonial dessas edificações.

Mapa dos bens tombados



Palácio das indústrias



Figura 46: Fachada do palácio das Indústrias. Fonte: Da autora



Elementos arabizantes

Arquiteto (construtor):
Domiziano Rossi

Ano: 1911-1924

Uso original: Museu

Uso atual: Museu

Logradouro: Avenida
Mercúrio, Parque Dom
Pedro II, s/n, São Paulo -
SP, 03003-060

Proprietário: Catavento
Cultural e Educacional

Tombamento:
CONDEPHAT (1982) e
CONPRESP (1991)

Nível: Não encontrado

Informações adicionais:

<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/palacio-das-industrias/>

<https://arquivo.arq.br/projetos/palacio-das-industrias-parque-dom-pedro-ii>

Projetado e construído em estilo eclético, o Palácio das Indústrias foi idealizado para abrigar exposições agrícolas e industriais, com o objetivo de revitalização da região da Várzea do Carmo. Hoje, o espaço é dedicado ao Museu Catavento, museu de artes e ciências.



Imagem 47: Torre do Palácio das Indústrias.
Fonte: da autora

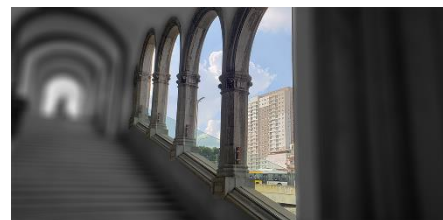


Figura 48: Fachada do edifício com padrão de arcos. Fonte: Da autora

A torre do Palácio das Indústrias é uma referência aos minaretes característicos das construções religiosas do islamismo. Esses minaretes têm a função original de ampliar o som do chamamento às orações nas mesquitas, porém, no Palácio, tem a nova função de torre e observatório, destacando sua imponência.

O padrão de arcos também é um grande marcante na arquitetura árabe pelas questões estruturais e economia de materiais. Aqui, é usado na função plástica da fachada do edifício além de promover maior incidência de luz natural e ventilação.



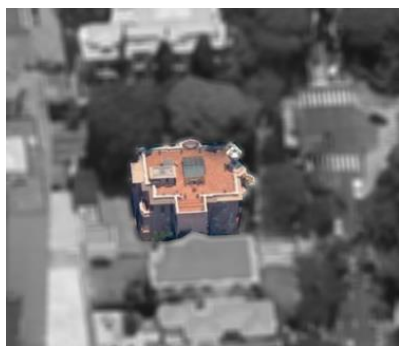
Figura 49: Coluna ornamentada e esculpida em folhagens. Fonte: Da autora

Esculturas e ornamentações orgânicas com padrões remetentes à natureza são muito comuns na arquitetura islâmica, já que a representação humana é algo proibido na religião. Aqui vemos formas de folhagens, também conhecidas como arabescos, parecidas com as utilizadas no topo das colunas das principais mesquitas do Oriente Médio, que geralmente são destacadas em dourado.

Palacete Rosa



Figura 60: Fachada do Palacete Rosa. Fonte: Cristofi, 2016.



A família Jafet optou por residir no bairro do Ipiranga e não na Avenida Paulista, onde a elite social se instalava na época. Isso porque havia um vínculo muito grande com o bairro em que cresceram e fizeram sua vida financeira de sucesso. A residência serviu para a família por gerações e hoje está em leilão avaliada em R\$5.000.000,00.

O Palacete Rosa possui em seu topo uma estrutura remetente aos minaretes das mesquitas, agora com função de mirante e de demonstração de imponência da construção.

Arquiteto (construtor): David Jafet

Ano: 1927

Uso original: Residência da Família Jafet

Uso atual: Salão de eventos

Logradouro: R. Bom Pastor, 801 - Ipiranga, São Paulo-SP, 04203-050

Proprietário: Imóvel à venda (Alfa Leilões)

Tombamento: CONPRESP (1991)

Nível: Preservação de fachadas e volumetria

Informações adicionais:

<https://saopauloantiga.com.br/palacete-rosa/>

Dissertação de mestrado de Renato Brancaglione Cristofi: *O Orientalismo Arquitetônico em São Paulo*

Elementos arabizantes



Figura 61: Arcos em ferradura ornamentados. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-rosa/>. Acesso em: nov. 2022

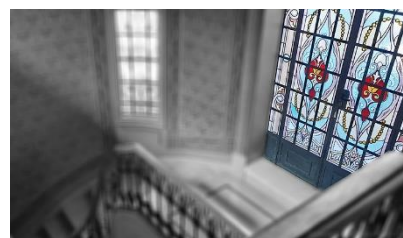


Figura 62: Vitrails em arabescos. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-rosa/>. Acesso em nov. 2023.



Figura 63: Pintura de uma cidade do oriente médio no salão do Palacete. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-rosa/>. Acesso em nov. 2022

As aberturas do Palacete Rosa são em arcos em ferradura ornamentados e esculturais. Aqui, além das colunas e arcos esculpidos, o que mais chama atenção é a predominância da cor rosa por todo o Palacete, trazendo um significado de leveza, ternura, delicadeza e beleza para a construção.

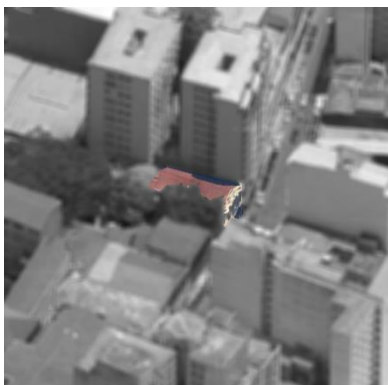
Os vitrais também trazem padrões orgânicos em arabescos, coloridos nas cores primárias, que complementam e combinam com o restante da decoração. O uso das cores primárias nas construções árabes representa as cores das bandeiras dos países do Oriente Médio, o que manifesta o caráter patriota da cultura.

O mural acima foi um pedido do próprio Jafet para trazer um pouco da paisagem árabe para dentro do Palacete. Observa-se a predominância de minaretes e cúpulas representadas na pintura circundada por ornamentos em gesso.

Casa da Boia



Figura 53: Fachada da Casa da Boia. Disponível em: <<https://sampahistorica.wordpress.com/2013/06/10/casa-da-boia/>>. Acesso em: nov 2022



Idealizada e construída pelo imigrante Rizkallah Jorge, pioneiro da produção de cobre no Brasil, para ser a loja de ferramentas e equipamentos sanitários. Apesar de o edifício ter sido construído com arabescos e detalhes mouriscos, ele também exala elementos do *art nouveau*, que copiou e adaptou o estilo árabe ao gosto ocidental à arquitetura islâmica.

Arquiteto (construtor): Rizkallah Jorge Tahan

Ano: 1909

Uso original: Loja e fabrica de equipamentos sanitários

Uso atual: Loja e fabrica de equipamentos sanitários

Logradouro: R. Florêncio de Abreu, 123 - Centro Histórico de São Paulo, São Paulo-SP, 01029-000

Proprietário: Família Rizkallah Jorge

Tombamento: CONDEPHAT (1992)

Nível: Não encontrado

Informações adicionais:

<https://sampahistorica.wordpress.com/2013/06/10/casa-da-boia/>

<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,predios-de-sao-paulo-casa-da-boia,10064,0.htm>

<https://casadaboia.com.br/>

<https://valorculturalsp.wordpress.com/2016/11/07/casa-da-boia/>

Elementos arabizantes



Figura 54: detalhe da fachada ornamentada. Disponível em: <https://sampahistorica.wordpress.com/2013/06/10/casa-da-boia/>>. Acesso em: nov. 2022



Figura 55: detalhe das mísulas ornamentadas. Fonte: Google Street View.



Figura 56: Fachada de pedras e portas em arco. Fonte: Google Street View.

Ornamentação orgânica e padrões de folhagens caracterizam detalhes da fachada da casa da boia. Além disso, é possível ver o ano da construção do edifício escrito em árabe no meio do ornamento.

Aqui, o destaque vai para as mísulas ornamentadas, que possuem função estrutural e plástica na fachada das construções árabes.

As pedras são os materiais construtivos mais utilizados pelos árabes, principalmente como revestimento das fachadas das mesquitas e residências de alto padrão. Além disso, a partir do início do século XX, tornou-se parte da legislação do Líbano a obrigatoriedade do uso desse tipo de pedra (pedra nacional) em, ao menos, 30% das fachadas dos edifícios, o que explica o fato de a Casa da Boia ter sido inspirada nessas construções.

Mercado Municipal de São Paulo



Figura 64: Fachada do Mercado Municipal nos anos 30. Disponível em: <https://arquivo.arq.br/projetos/mercado-municipal-de-sao-paulo#&gid=1&pid=1>. Acesso em: dez. de 2022



Com a arquitetura marcada por abóbodas, arcos e vitrais, o Mercado Municipal é um dos pontos turísticos mais importantes da cidade de São Paulo. Hoje, é responsável pela movimentação de mais de 300 toneladas de alimentos nos seus mais de 290 boxes de produtos.

O Mercado possui elementos característicos do ecletismo, com elementos arabizantes referenciados ao *art nouveau*, muito incorporados por Ramos de Azevedo em seus projetos.

Arquiteto (construtor): Francisco Ramos de Azevedo

Ano: 1924

Uso original: Comércio e serviços

Uso atual: Comércio e serviços

Logradouro: R. da Cantareira, 306 - Centro Histórico de São Paulo, São Paulo-SP, 01024-900

Proprietário: Prefeitura do Município de São Paulo

Tombamento: CONDEPHAAT (2004) e CONPRESP (2017)

Nível: Não encontrado

Informações adicionais:

<https://arquivo.arq.br/projetos/mercado-municipal-de-sao-paulo>

<https://www.mercadomunicipal.sp.com/>

<https://cidadedesapaulo.com/atrativos/mercado-municipal/?lang=pt>

Elementos arabizantes



Figura 65: Fachada do mercado com arcos ornamentados. Disponível em: <https://cidadedesapaulo.com/atrativos/mercado-municipal/?lang=pt>. Acesso em: jan. 2023

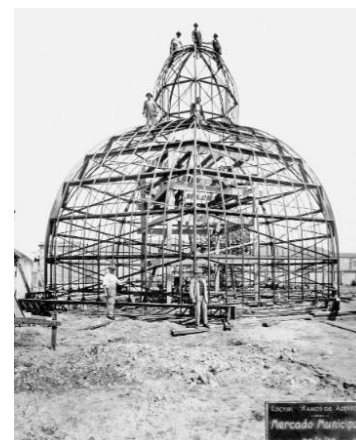


Figura 66: Construção da estrutura de uma das abóbodas do edifício. Disponível em: <https://arquivo.arq.br/projetos/mercado-municipal-de-sao-paulo#&gid=1&pid=6>. Acesso em: dez. 2022.

Aqui, vemos uma foto do processo de construção de uma das abóbodas que compõe o topo do Mercado, outro elemento marcante e constante na arquitetura islâmica.



Figura 67: Abóbodas e arcos ornamentados. Disponível em: <https://www.caronacultural.com.br/programacao/cultural/city-tours/melhores-atracoes-de-sao-paulo-em-6-horas/>. Acesso em: jan. 2023.

A fachada, apesar de conter elementos e técnicas construtivas advindos do mundo inteiro, exala muitos elementos árabes que contrastam com o entorno.

Palacete Paraíso



Figura 68: Fachada do edifício. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-paraíso/>. Acesso em: dez. 2022



Construído pelo imigrante libanês Rizkallah Jorge Tahan, o edifício foi construído como mais uma fonte de renda e investimento do empreendedor através da locação dos apartamentos, principalmente para familiares e patrícios.

Arquiteto (construtor): Plácido Dall'Acqua

Ano: 1920

Uso original: Residencial

Uso atual: Residencial

Logradouro: Rua Carlos de Sousa Nazaré, 301 - Centro Histórico de São Paulo, São Paulo-SP, 01025-001

Proprietário: Família Rizkallah Jorge

Tombamento: CONPRES (2007)

Nível: Não encontrado

Informações adicionais:

<https://saopauloantiga.com.br/palacete-paraíso/>

Elementos arabizantes



Figura 69: Fachada e balcões ornamentados. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-paraíso/>. Acesso em: dez. 2022

Esses balcões ornamentados e janelas em venezianas são idênticos aos presentes no centro antigo da cidade de Beirut, berço da família Rizkallah Jorge. Aqui se destacam as mísulas ornamentadas e os muxarabis em alvenaria nos guarda-corpos das varandas.



Figura 70: interior restaurado seguindo a essência mourisca com arcos e azulejos com padrões orientais. Disponível em: <https://www.exploraai.com.br/hotels/br/paraíso-na-25>. Acesso em jan. 2023

No interior, as passagens são arqueadas e o revestimento em ladrilho hidráulico ornamentado em padrões geométricos.

É importante observar como os elementos foram adaptados aos materiais da construção, como é o exemplo dos muxarabis em alvenaria, que originalmente são em madeira, e os ladrilhos que ganham padrões geométricos.

Cine Alhambra



Figura 50: Fachada em meados dos anos 30. Disponível em <https://saopauloantiga.com.br/cine-alhambra/>. Acesso em: dez. 2022



Construído em estilo Mourisco, o Cine Alhambra comportava até 1000 poltronas e exalava ornamentações na fachada e no interior das salas. Voltado ao público da elite, foi o primeiro cinema do Brasil a reproduzir filmes estrangeiros de grandes empresas como a Paramount. Vale ressaltar que este edifício não era de propriedade da comunidade árabe.

Arquiteto (construtor):
Engenheiros Neves & Duarte

Ano: 1928

Uso original: Cinema \ Teatro

Uso atual: Loja Magazine Luiza

Logradouro: R. Direita, 231 - Sé,
São Paulo-SP, 01002-001

Proprietário: Souza, Vasconcellos &
Cia

Tombamento: CONDEPHAT (2011)

Nível: Preservação de fachadas e
volumetria

Informações adicionais:

[http://www.cinemasdesp2.com.br/
/2013/12/alhambra-sao-paulo-
sp.html?m=1](http://www.cinemasdesp2.com.br/2013/12/alhambra-sao-paulo-sp.html?m=1)

[https://saopauloantiga.com.br/cin
e-alhambra/](https://saopauloantiga.com.br/cine-alhambra/)

Elementos arabizantes



Figura 51: Detalhes da fachada ornamentada. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/cine-alhambra/>. Acesso em: dez. 2022



Figura 52: Interior das salas. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/cine-alhambra/>. Acesso em: dez. 2022

Além dos padrões orgânicos e remetentes à natureza, a arquitetura árabe e islâmica é repleta de simbologias geométricas, já que existe a ausência da representação de imagens humanas. Isso tem muito a ver com a numerologia que circunda a religião (cinco pilares da crença, sete pilares da fé, sete céus, oito anjos que carregam o trono de Deus etc.). Mesmo não sendo árabes, os proprietários e idealizadores do Cine Alhambra aplicam esses padrões geométricos na fachada do edifício.

No interior das salas do cinema, além dos padrões geométricos, as paredes são revestidas com placas ornamentadas que remetem aos muxarabis usados como divisórias na arquitetura árabe.

Palacete São Jorge



Figura 71: Fachada do edifício. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-sao-jorge/>. Acesso em: dez. 2022



Mais um fruto da fortuna gerada por Rizkallah Jorge, o Palacete São Jorge também foi idealizado para nele residirem os membros da família e patrícios imigrantes.

Arquiteto (construtor): Rizkallah Jorge Tahan

Ano: 1930

Uso original: Residencial e comercial

Uso atual: Residencial e comercial

Logradouro: Rua Carlos de Sousa Nazaré, 287 - Centro Histórico de São Paulo, São Paulo-SP, 01025-001

Proprietário: Família Rizkallah Jorge

Tombamento: CONPRESP (2016)

Nível: Não encontrado

Informações adicionais:

<https://saopauloantiga.com.br/palacete-sao-jorge/>

<https://vejasp.abril.com.br/coluna/sao-paulo-nas-alturas/belle-epoque-centro-sao-paulo/>

Elementos arabizantes



Figura 72: Ornamentação na fachada e nos balcões da fachada. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-sao-jorge/>. Acesso em: dez. 2022

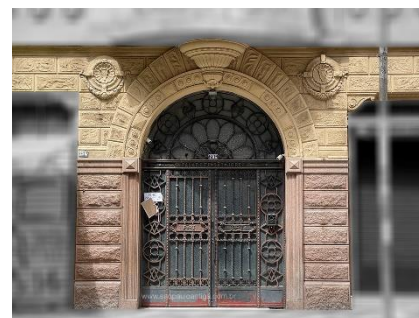


Figura 73: Porta arqueada e revestimento em pedras. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-sao-jorge/>. Acesso em: dez. 2022



Figura 74: Mísulas ornamentadas. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-sao-jorge/>. Acesso em: dez. 2022

Construído em frente ao Paraíso, o Palacete São Jorge também exibe ornamentações na fachada, porém numa plástica mais simplificada. Em destaque, as mísulas ornamentadas e a fachada em revestimento de pedra.

A grande porta arqueada com detalhes em ferro ornamentado indica uma entrada imponente para o edifício. Um detalhe interessante é a presença do brasão da família fundido nas ferragens, representando o patriotismo e o orgulho da ascensão dos imigrantes.

Aqui, temos um destaque para as mísulas ornamentadas e o detalhe dos muxarabis no guarda corpo da varanda.

Palacete Mourisco

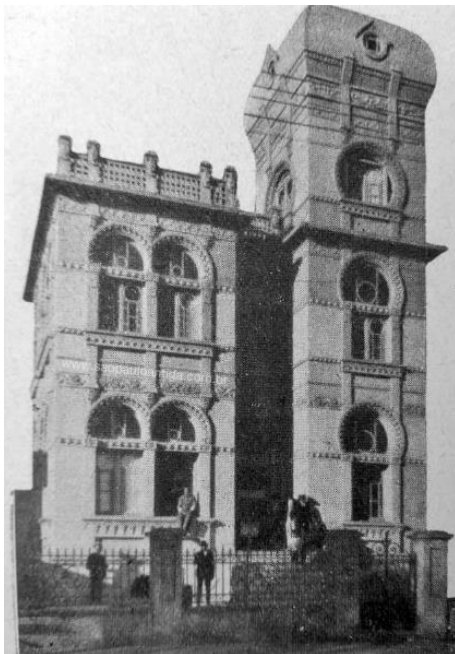


Figura 57: Fachada do Palacete Mourisco nos anos 30. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-mourisco/>. Acesso em: nov. 2022



O Palacete Mourisco foi construído para servir de residência para Gabriel Peres Bru que, apesar de não ser de origem árabe, tinha muita admiração pela arquitetura mourisca que estava em alta e era grande representação de riqueza e imponência à época.

Arquiteto (construtor): Não encontrado

Ano: 1923-1926

Uso original: Residência de Gabriel Peres Bru

Uso atual: Hostel

Logradouro: R. Domingos de Morais, 775 - Vila Mariana, São Paulo-SP, 04009-001

Proprietário: Gabriel Peres Bru

Tombamento: CONPRESP (2018)

Nível: Não encontrado

Informações adicionais:

<https://saopauloantiga.com.br/palacete-mourisco/>

<https://www.descubrasampa.com.br/2020/01/palacete-mourisco-the-hostel-vila-mariana.html>

Elementos arabizantes



Figura 58: Salão interno do Palacete. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-mourisco/>. Acesso em: nov. de 2022

Os papeis de parede do interior do Palacete possuem padrões orgânicos em arabescos, complementados por uma moldura de gesso ornamentado. Os detalhes no teto também remetem às ornamentações encontradas nas grandes mesquitas islâmicas, compostas por folhagens e geometrias.



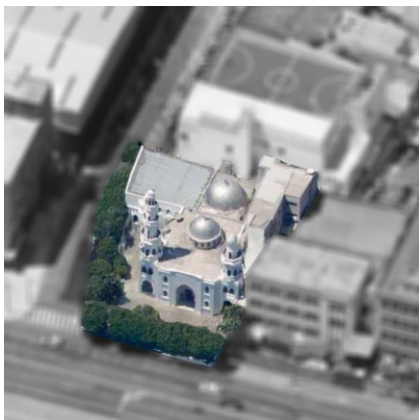
Aqui, vemos esquadrias ornamentadas e aberturas que remetem aos arcos em ferradura, complementados pelo papel de parede em arabescos e as esculturas no teto, em gesso, elementos que também são trazidos pelo *art nouveau*.

Figura 59: Esquadrias ornamentadas e janelas arqueadas do salão do Palacete. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/palacete-mourisco/>. Acesso em: nov. 2022

Mesquita Brasil



Figura 75: Fachada da mesquita. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/411727590920731433/>. Acesso em: jan. 2023



Originalmente localizada na Mooca, a Mesquita Brasil foi o primeiro local de culto da religião islâmica na cidade de São Paulo idealizado pelos próprios membros da sociedade. Essa obra leva à risca a essência da arquitetura islâmica.

Arquiteto (construtor):
Engenheiro Civil Paulo
Taufik Camasmie

Ano: 1953-1956

Uso original: Mesquita

Uso atual: Mesquita

Logradouro: Rua Barão
de Jaguará, 632 -
Cambuci, São Paulo-SP,
01520-040

Proprietário: Sociedade
Beneficente Muçulmana

Tombamento: em
processo no DPH

Informações adicionais:

Trabalho do Programa
Voluntário de Iniciação
Científica de Henrique
Garcia Prado: “A
Mesquita como
Representação da cultura
Árabe e São Paulo”.

Elementos arabizantes



Figura 76: Detalhes da abóboda da Mesquita. Fonte: da autora



Figura 77: Salão de orações da Mesquita. Fonte: da autora



Figura 78: Minarete da Mesquita Brasil. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2018/10/mesquita-brasil.html>. Acesso em: jan. 2023.

Tanto a abóboda como os grandes arcos são ornamentados e desenhados remetendo às muqarnas das mesquitas iranianas. Ao redor desses, observa-se escritas alcorânicas e palavras de fé em caligrafia orgânica, consideradas arte para os muçulmanos.

Os arcos são apresentados em formatos geométricos e o topo das colunas é ornamentado em gesso e coloridos em dourado, o que é representação de riqueza e devoção, afinal, a mesquita é considerada a casa de Deus para os muçulmanos. É possível perceber, também, a predominância das cores primárias nos detalhes das pinturas do teto, remetentes às cores das bandeiras dos países do Oriente Médio.

Por fim, o minarete da Mesquita, que mantém o propósito original da estrutura de propagação do som do chamamento para as orações islâmicas. Hoje, por conta de reclamações da vizinhança, a administração da Mesquita mantém os alto-falantes desligados, porém, ele continua compondo a paisagem urbana de São Paulo, se destacando de seu entorno.

Podem-se dividir os elementos representativos da arquitetura árabe nos exemplares recolhidos neste inventário temático em dois grupos: primeiro, os elementos presentes nas fachadas e, segundo, os elementos encontrados no interior dos edifícios. No primeiro grupo, dos elementos presentes nas fachadas, sobressaem-se as mísulas ornamentadas, arcos em portas e janelas, guarda corpo em alvenaria que lembram muxarabis e as pedras utilizadas para ornamentação das fachadas. No segundo grupo, destacam-se a ornamentação do interior com elementos geométricos utilizados em ladrilhos hidráulicos, entalhes aplicados nas paredes e pinturas em geral (arabescos como estampas de papéis de parede e esculpidos em gesso, folhagens e padrões geométricos nas cores primárias). Com exceção da mesquita Brasil que leva a arquitetura islâmica à risca, todas as outras obras também possuem influências plásticas do *art nouveau* e do ecletismo em suas composições que se misturam e contrastam com o entorno da cidade.

Além dos exemplares apresentados nas fichas, muitos outros edifícios carregam elementos que remetem à arquitetura árabe. Alguns foram demolidos, mas permanecem como referência, como o Palacete Mourisco na Avenida Paulista, uma das residências da família Andraus que foi demolida em 1982 pelos próprios donos, que temiam a desvalorização do edifício após uma suposta notícia de tombamento (CRISTOFI, 2016). O edifício possuía os principais elementos da arquitetura árabe, como os arcos em ferradura, os muxarabis (em alvenaria) e o minarete (com função de mirante).



Figura 79: Palacete Mourisco.

Fonte: Cristofi (2016).

Dentro do quadro da arquitetura contemporânea, em edifícios residenciais e comerciais, é possível identificar os elementos árabes presentes e ressignificados ao programa de necessidades de seus usuários. Em relação aos elementos, deve-se destacar a redefinição dos muxarabis, que foram desenvolvidos em concreto e em cores, como controladores térmicos e divisórias internas nas residências contemporâneas. Aqui, são denominados cobogós, uma variação evidente desse elemento da arquitetura islâmica, que preza pela discrição e conforto térmico por ele promovido.



Figura 80: Casa Clara. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitectura.com.br/slideshow/newslideshow.aspx?idproject=4034&index=0>. Acesso em: jun. 2021.

Outro exemplar presente na cidade de São Paulo que leva à risca as regras da arquitetura Islâmica é a Mesquita Sobem, localizada em Santo Amaro. Fundada e construída em setembro de 1977, a mesquita possui os principais elementos caracterizantes da arquitetura em questão, como os minaretes, cúpula, arcos e o ladrilho hidráulico ornamentado nas cores primárias, elemento marcante da fachada do edifício.



Figura 81: Fachada da Mesquita SOBEM. Disponível em: <http://filhadaalvorada.blogspot.com/2011/08/mesquitas-do-brasil-mesquita-de-santo.html>. Acesso em: mar. 2023.

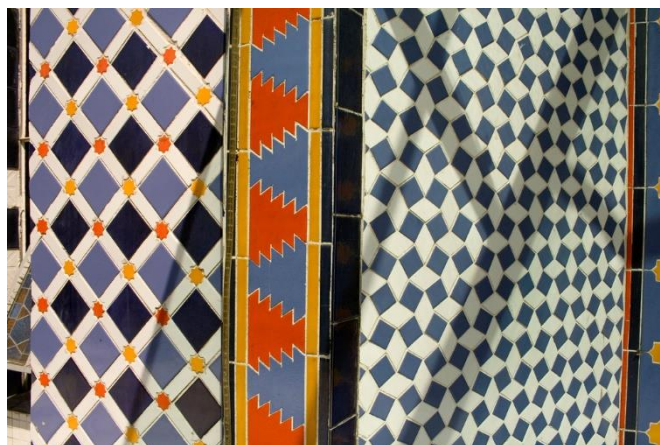


Figura 82: Detalhe dos ladrilhos da fachada. Disponível em: <http://filhadaalvorada.blogspot.com/2011/08/mesquitas-do-brasil-mesquita-de-santo.html>. Acesso em: mar. 2023.

Atualmente, são poucos os estudos feitos para exemplificar essa presença em bens tombados ou edifícios em geral, com características e elementos árabes em São Paulo, ressignificados de acordo com os materiais e técnicas desenvolvidas aqui. Elementos esses que foram apropriados para demonstrar ascensão e marcar a presença dos imigrantes que conseguiram se desenvolver economicamente no Brasil, ou apenas como ornamentação e estética nos edifícios encomendados por construtores de fora da comunidade, contribuindo para a diversidade e definindo a cidade como eclética.

Conclusão

Após a Revolução Industrial e o desenvolvimento ferroviário no Brasil do final do século XIX, houve um forte incentivo à imigração para obtenção de mão de obra eficaz e barata. Dentre as diversas nacionalidades que vieram para o país, estavam os árabes, que se concentraram, principalmente, nos bairros da Sé, Mooca e Ipiranga, dedicando-se a trabalhos simples, como o de mascate, até a obtenção de lucros suficientes para a sua consolidação monetária.

Imigrantes bem-sucedidos como as famílias Rizkallah Jorge, Andraus e Jaffet, por exemplo, influenciaram no desenvolvimento arquitetônico e urbanístico de São Paulo, com as construções de casarões, lojas, clubes e centros religiosos para a comunidade, na maioria das vezes, elementados e caracterizados pela arquitetura mourisca, marcando presença na cidade e promovendo uma espécie de comunicação entre ocidente e oriente. De forma indireta, essa comunicação já havia sido feita, com a vinda dos portugueses, no início do século XV, ao Brasil. Isso porque no final do século VIII os árabes invadiram a Península Ibérica e deixaram rastros arquitetônicos na Europa, complementando a diversidade construtiva do continente que, posteriormente foi trazida durante a colonização. Assim, no âmbito da cidade, São Paulo se torna um território de multiplicidades culturais e arquitetônicas com o diálogo dos imigrantes e da consolidação do ecletismo.

A cultura árabe, assim como outras culturas trazidas pela onda imigratória no Brasil, fez da cidade de São Paulo o ambiente eclético que conhecemos hoje e a presente pesquisa é a

evidência dessa influência através dos arcos, abóbodas, azulejos e padrões geométricos que foram projetados e aplicados em edifícios que possuem importância patrimonial na história e cultura da cidade, sendo ressignificados e adaptados aos materiais e técnicas aqui existentes. Isso tudo contribuindo e complementando os poucos trabalhos acadêmicos que foram escritos sobre o assunto.

Esta dissertação de mestrado visa, assim, contribuir para ampliar o debate sobre o quadro da arquitetura contemporânea em São Paulo, ressaltando seus vários componentes e características que remetem, entre outros elementos, às várias etnias presentes na formação da cidade. É possível identificar a presença árabe na cidade em pequenos elementos e detalhes, fazendo-se discreta, assim como em edificações inteiras que se destacam do entorno, carregando uma memória trazida pelo povo do oriente que veio à procura de novas oportunidades e acabou fazendo parte da história de nossa cidade.

Glossário

O glossário tem como objetivo oferecer ao leitor os termos mais presentes dentro da arquitetura árabe. Não existe a pretensão de ser algo exaustivo, apenas uma forma de trazer ao público os elementos mais característicos dessa arquitetura. Os verbetes foram elaborados a partir de obras de referência, como as de Stierlin (2002) e Cristofi (2016).



Mourisco: termo utilizado para se referir aos árabes que permaneceram na Europa após a dominação na Península Ibérica.

Figura 1: Representação dos mouros na invasão da Península Ibérica. Disponível em: <https://superandarilhoblog.wordpress.com/2016/11/30/quando-os-mouros-dominaram-a-europa-o-ano-e/>. Acesso em: mar. 2023.



Orientalista: relacionado ao oriente e sua cultura.

Figura 2: Pintura orientalista de Léon Cogniet. Disponível em: [https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/L%C3%A9on-Cogniet/989033/A-expedi%C3%A7%C3%A3o-\(campo\)-do-Egito-sob-as-ordens-de-Bonaparte-\(Napole%C3%A3o.html](https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/L%C3%A9on-Cogniet/989033/A-expedi%C3%A7%C3%A3o-(campo)-do-Egito-sob-as-ordens-de-Bonaparte-(Napole%C3%A3o.html). Acesso em: mar. 2023.



Arquitetura islâmica: construções com referências à religião islâmica, dotadas de elementos simbólicos e orgânicos.

Figura 3: Centro cultural islâmico no Qatar. Fonte: da autora.

Arquitetura árabe: outra forma de atribuição à arquitetura islâmica.



Figura 4: Mesquita Sheikh Zayed em Abu Dhabi. Fonte: Alan Gouveia.



Arquitetura Neo-islâmica: também conhecida como neomudéjar, o renascimento da arquitetura islâmica na Europa do século XIX.

Figura 5: Palácio Vontsov na Ucrânia (1830-1848). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estilo_neoisl%C3%A2mico. Acesso em: mar. 2023.

Arabescos: Padrões decorativos baseados em formas orgânicas, naturais e rítmicas que compõe um elemento.



Figura 6: Padrões arabescos no Museu Nacional do Qatar. Fonte: da autora.



Abóbada: Construção arqueada usada como cobertura, apoiada em colunas, usada para aumento de pé direito, ventilação e iluminação.

Figura 7: Cúpula da Rocha. Disponível em: <http://thauucs.blogspot.com/2011/11/cupula-da-rocha.html>. Acesso em: mar. de 2023.



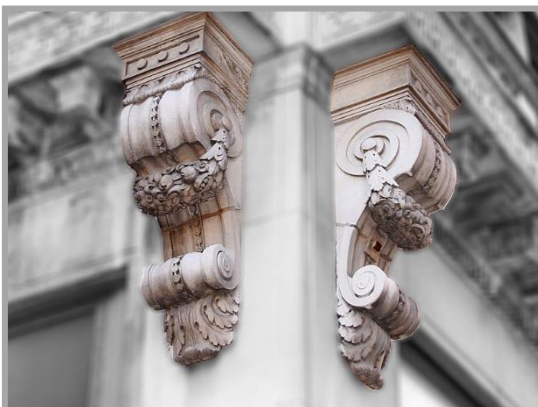
Arcos em ferradura: arco que possui o topo em um semicírculo com diâmetro maior que o espaço entre as colunas.

Figura 8: Arcos no interior da Mesquita de Córdoba. Disponível em: <https://comunicae.es/pt/notas-de-prensa/arcos-bicolores-que-dan-luz-a-la-mezquita-de-cordoba>. Acesso em: mar. 2023.



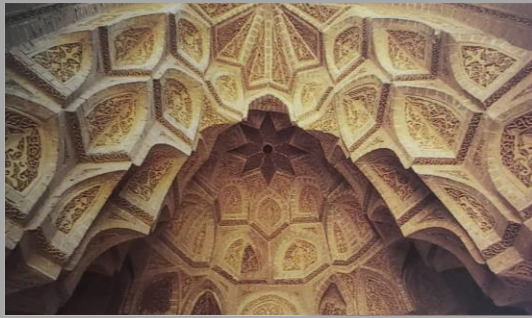
Minaretes: torres altas localizadas nas mesquitas ou perto delas, onde são anunciados os horários das orações islâmicas, facilitando a propagação do som.

Figura 9: Minaretes da Mesquita SOBEM em São Paulo. Disponível em: <http://filhadaalvorada.blogspot.com/2011/08/mesquitas-do-brasil-mesquita-de-santo.html>. Acesso em: mar. 2023.



Misulas: elemento para estruturação de balcões, arcos, colunas, cornijas, esculturas etc.

Figura 10: Misulas ornamentadas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADsula>. Acesso em: mar. 2023.



Muqarna: ornamentação das abóbodas que formam uma espécie de divisão geométrica em fractais, relacionada com a numerologia e simbologia islâmica.



Muxarabis: divisórias vazadas utilizadas para melhor ventilação e iluminação, preservando a privacidade do interior das construções.

Figura 12: Muxarabis do Maison Es Suhaymi no Egito. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/783720/light-matters-mashrabiya-trazendo-tradicao-para-fachadas-dinamicas/5383c71dc07a80317a000050-light-matters-mashrabiya-translating-tradition-into-dynamic-facades-photo?next_project=no. Acesso em: mar. 2023.

Bibliografia

STIERLIN, Henri. **Islão: de Bagdade a Córdoba**. Hohenzollernring: Taschen, 2002.

BRANCAGLIONE CRISTOFI, Renato. **O Orientalismo Arquitetônico em São Paulo (1895-1937)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PRADO, Henrique Garcia. **A Mesquita como representação da cultura árabe em São Paulo**. 2017. Programa Voluntário de Iniciação Científica em Arquitetura e Urbanismo. Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2017.

TRUZZI, Oswaldo. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 27, p. 110-140, 2001.

TRUZZI, Oswaldo. Presença árabe na América do Sul. **História Unisinos**, v. 11, n. 3, p. 359-366, 2007.

LEMONS, Carlos; FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na Arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1987.

ATIQUE, Fernando; SALVADORE, Valdir. **Ecletismo paulista, italiano e nosso**: Felisberto Ranzini e o “estilo Florentino”. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

EL-HAYEK, Samir. Alcorão Sagrado. **Centro Cultural Beneficente Árabe**, São Paulo: Editora Jornalística, 2004.

ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. **Um artífice na urbanização paulistana**: Rizkallah Jorge Tahan (1895-1949). 2016. Dissertação. UNIFESP, São Paulo, 2016.

MOTA, Paula de Brito. **A cidade de São Paulo de 1870 a 1930**: café, imigrantes, ferrovia, indústria. 2007. Dissertação. PUC-SP, São Paulo, 2007.

KHOURI, Juliana Mouawad. **Pelos caminhos de São Paulo**: a trajetória dos sírios e libaneses na cidade. 2013. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

COTRIM, Luciana. **Esplendor é a casa de Amin Andraus**. Série Avenida Paulista. 2020. Disponível em: <https://serieavenidapaulista.com.br/2020/07/24/esplendor-e-a-casa-de-amin-andraus/>. Acesso em: jan. 2023.

JAROUCHE, Mamede. A conquista de Alandalus segundo o relato de 'Abdulmalik Bin Habīb (m. 238 H., 853 d.C.). **Topoi**. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 222-245, maio/ago. 2017. Disponível em: www.revistatopoi.org. Acesso em: abr. 2022.

OCÓN, Jorge Elices. O passado pré-islâmico em al-Andalus: a recepção da Antiguidade e a legitimação do poder omíada nos séculos VIII-X. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, v. 3, n. 2, p. 288-302, 2018.

ŠNAJDAUFOVÁ, Šnajdaufová. **Influência Árabe na Arquitectura e Arte em Portugal**. 2007. Tese. Masarykova univerzita, Filozofická fakulta, 2007.

BREDERODE, Patrícia Marques. **Os Árabes**: a Herança ou o Legado em Portugal. Do Capibaribe ao Tejo. 2010. Disponível em: <http://docapibaribeatejo.blogspot.com/2010/12/os-arabes-heranca-ou-o-legado-em.html>. Acesso em: nov. 2022.

BREDERODE, Patrícia Marques. **Os Árabes** – Origem, expansão e presença em Portugal. Do Capibaribe ao Tejo. 2010. Disponível em: <http://docapibaribeatejo.blogspot.com/2010/11/os-arabes-origem-expansao-e-presenca-em.html>. Acesso em: nov. 2022.

MARQUES, AH de O. **Novos ensaios de história medieval portuguesa**. Lisboa: Presença, 1988.

MOREIRA, Susanna. **O que é arquitetura do Brasil Colônia?** ArchDaily. 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/956978/o-que-e-arquitetura-do-brasil-colonia>. Acesso em: set. 2022.

PISANI, Maria Augusta Justi. Taipas: a arquitetura de terra. **Revista Sinergia**, v. 5, n. 1, p. 09-15, 2004.

PATETTA, Luciano; FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na Arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1987.

FAUSTO, Boris. **Imigração e política em São Paulo**. In: FAUSTO, Boris *et al.* São Paulo: Editora Sumaré; Fapesp, 1995 (Série Imigração; v. 6). Imigração Árabe in: “Brasil 500 anos de pensamentos”.

HANANIA, Aida Ramezá. A Produção Cultural do Imigrante Árabe no Brasil (fins do século XIX e XX). In: HOLANDA, Heloísa Buarque de; CAPELATO, Maria Helena Rolim (Coord.). **Relações de Gênero e Diversidades Culturais nas Américas**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1999.

GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias da imigração:** libaneses e sírios em São Paulo. Discurso Editorial, 1998.

MELLO, Eduardo Kneese de. **A herança mourisca da arquitetura no Brasil.** São Paulo: Alianza Editorial. 2ª edição, 1988.